

F M S
mensagem

Ano XXIII - n° 39 - Junho 2009



2007-2008

ANO DE
ESPIRITUALIDADE MARISTA

Ano XXIII – nº 39 – Junho 2009

Diretor:

Irmão AMEstaún

Comissão de Publicações:

Irmãos Emili Turú, AMEstaún,
Onorino Rota e Luiz Da Rosa

Coordenação dos tradutores:

Irmão Josep Roura Bahí

Tradutores:

Espanhol:

Irmão Francisco Castellanos
Gabriela Scanavino

Francês:

Irmão Josep Roura Bahí
Irmão Jean Rousson
Irmão Gilles Beauregard
Irmão Aimé Maillet

Inglês:

Irmão John Allen
Irmão Edward Clisby
Irmão James McKnight
Irmão George Fontana
Irmão Don Neary

Português:

Irmão Aloisio Kuhn
Irmão Virgílio Balestro
Pe. Eduardo Campagnani Ferreira

Fotografia:

AMEstaún, Arquivos da Casa geral.

Diagrama e fotolitos:

TIPOCROM, s.r.l.
Via A. Meucci 28,
00012 Guidonia
Roma (Italia)

Redação e Administração:

Piazzale Marcellino Champagnat, 2.
C.P. 10250 - 00144 ROMA
Tel. (39) 06 54 51 71
Fax (39) 06 54 517 217
E-mail: publica@fms.it
Web: www.champagnat.org

Edita:

Instituto dos Irmãos Maristas.
Casa geral - Roma.

Imprime:

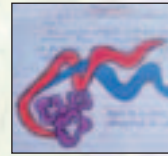
C.S.C. GRAFICA, s.r.l.
Via A. Meucci 28,
00012 Guidonia
Roma (Italia)

Junho 2009

ÍNDICE

Carta a meus Irmãos

Ir. Seán Sammon



página 2

Gênese do “Ano de espiritualidade”

Ir. Peter Rodney



página 6

Um homem, um Instituto, uma Sociedade

Ir. André Lanfrey



página 12

Como nasceu Água da rocha?

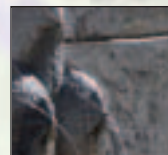
Ir. Peter Rodney



página 16

Nas estradas do “Ano de espiritualidade”

Ir. Teófilo Minga



página 22

Nossa missão junto aos jovens necessitados

Ir. Théoneste Kalisa



página 32



Quais são os aspectos mais significativos de Água da Rocha?

página 36

Meu caminho espiritual

Ir. Javier Espinosa

página 38

Maria é também nossa irmã

Ir. Afonso Murad

página 40

Que brota da tradição de Marcelino

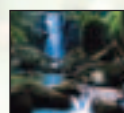
Ir. Jaume Parés

página 43

Nossos santos e a espiritualidade marista

Ir. Giovanni Maria Bigotto

página 45



Qual é o aspecto mais importante da espiritualidade marista em sua vida? Como aparece expresso no livro “Água da Rocha”?

página 48

Meu encontro com “Água da Rocha”

Ir. Horacio D. Magaldi

página 50

A espiritualidade marista em minha vida cristã

Rocío Zamora Barquero

página 53

Noviciado de Lomeri, Fiji.

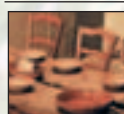
Grupo de noviços

página 55

Uma história simples

Equipe de Espiritualidade, Sydney

página 57



“Água da Rocha” sacia a tua sede de espiritualidade?

página 60

Jesus nos quer bem, tal como somos

Mary Luz Quiroga Revollo

página 62

“Água da Rocha” fonte de interpelação

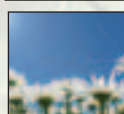
Linda Corbeil

página 64

A imagem de Deus em “Água da rocha”

Ir. Mario Colussi

página 66



Como “Água da Rocha” revitaliza a sua vida espiritual?

página 68

Simplicidade à luz de “Água da Rocha”

Ir. Alphonse Gahima

página 70

A dimensão política da espiritualidade de Marcelino

Ir. Richard Rajaonarison Tiana

página 73

Sinais vivos da ternura do Pai

Ir. John Kusi

página 76

Álbun

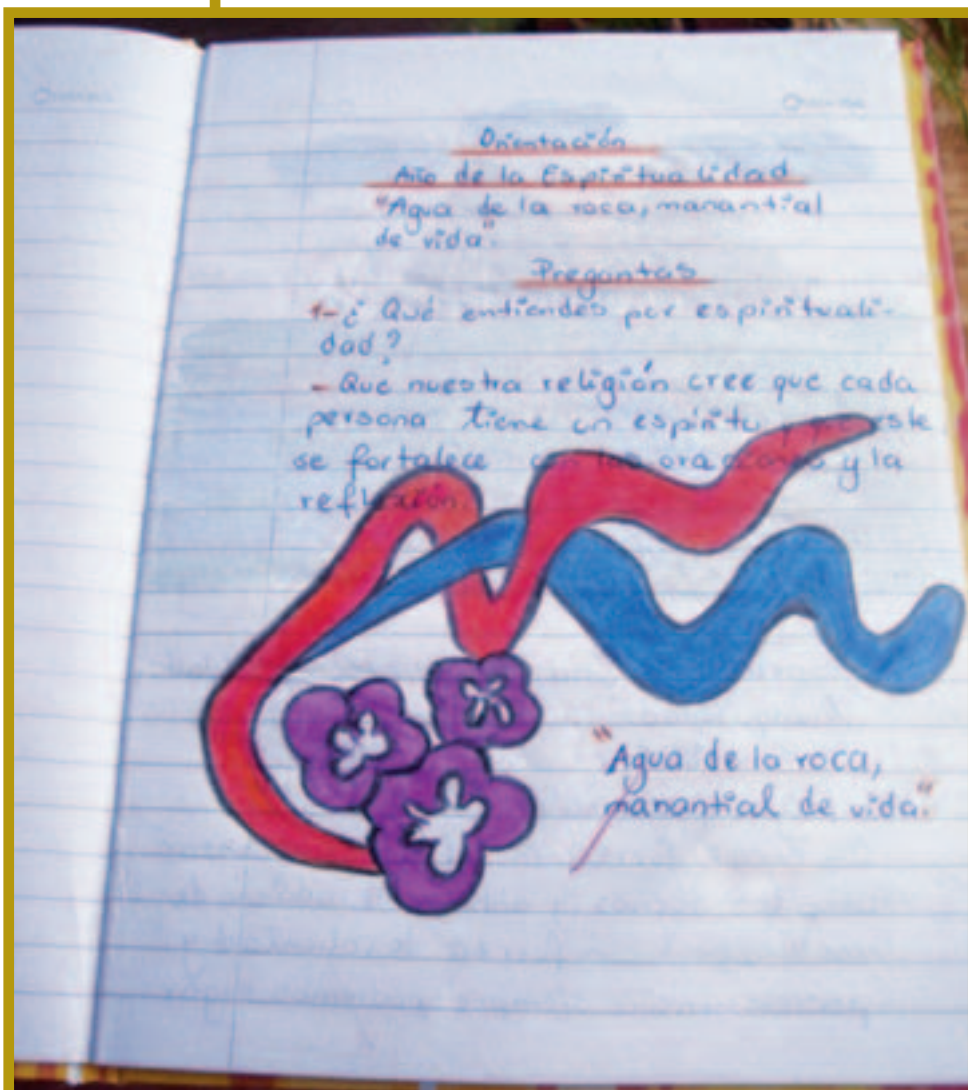
página 78

CARTA A MEUS IRMÃOS

24 de FEVEREIRO de 2009

QUERIDOS IRMÃOS E MEMBROS
DA FAMÍLIA MARISTA

IR. SEÁN D. SAMMON, FMS – SUPERIOR GERAL





O COSTUME DA IGREJA DE CELEBRAR UM ANO SANTO COMEÇOU EM 1300, QUANDO O PAPA BONIFÁCIO VIII PROCLAMOU O PRIMEIRO DELES. A VERDADEIRA ORIGEM DESSES JUBILEUS, CONTUDO, DERIVA DOS TEMPOS BÍBLICOS E DA LEI DE MOISÉS, QUE PRESCREVEU UM ANO ESPECIAL PARA O POVO JUDEU. DURANTE ESSES DOZE MESES OS ADVERSÁRIOS SE RECONCILIAVAM, A TERRA ERA DEVOLVIDA AOS SEUS LEGÍTIMOS DONOS, AS DÍVIDAS ERAM PERDOADAS E OS ESCRAVOS ERAM LIBERTADOS.

Ainda que não exatamente um “Ano Santo”, o Ano de Espiritualidade celebrado pelo nosso Instituto Marista, de sete de Outubro de 2007 a 12 de Outubro de 2008, foi marcado pelo mesmo fervor e incluiu pelo menos tanta atividade como aquelas que ocorrem na nossa Igreja cada quarto de século. Mais importante, como os anos santos que a Igreja celebra, o nosso Ano de Espiritualidade deu-nos a ocasião de robustecer a fé pela reflexão sobre a Espiritualidade Apostólica Marista e sobre o seu lugar e significado nas nossas vidas de hoje.

O livro *Água da Rocha*

A publicação de *Água da Rocha*, *espiritualidade marista fluindo na tradição de Marcelino Champagnat* deu um impulso inicial ao ano. Muitos viram os seus doze meses como oportunidade ideal para melhor conhecerem esta publicação e fazer sua a mensagem que o livro contém.

Fazendo assim, chegaram como que a redescobrir o Fundador. Este resultado pode parecer uma surpresa, pois já conhecemos bem a sua história. Ele não nasceu santo; precisou de toda uma vida para santificar-se. Sua mãe Maria Teresa e a tia Luísa foram as primeiras a despertá-lo para a vida espiritual. O exemplo e orientação delas foram fundamentais. De ambas absorveu as práti-

cas de piedade e a herança espiritual daquela região do planalto. O Fundador teve também a sorte de crescer no distrito de Marlhés, lugar de fé profunda.

Os seus professores do seminário, sulpicianos, tiveram apenas que construir sobre as fundações que encontraram. Como consequência, a grande devoção a Maria de Marcelino ficou mais sólida e



a natureza encarnada de sua espiritualidade floresceu. A Jesus e não a Maria estava dirigida a sua fé. Quase tudo isso conhecemos, como o seu amor pelas crianças e jovens e o seu ardente desejo de ensinar-lhes quanto Jesus Cristo os ama.

Atividades PARA CENTRAR SUA ATENÇÃO NO LIVRO *Água da Rocha*

Províncias e Distritos por todo o Instituto tiveram retiros, dias de reflexão, assembleias e outras atividades para centrar sua atenção no livro *Água da Rocha* e na mensagem que contém.

Esta edição de *FMS Mensagem* levar-vos-á a realizar uma peregrinação pelos eventos dos últimos doze meses e informar-vos-á do que foi feito, e como muitas pessoas contribuíram com o seu tempo e esforço para o sucesso que foi logrado.





Guardem, pois, no espírito o fato de que Marcelino Champagnat era homem comum que viveu a sua vida numa época particular da história, e teve de tratar com as realidades políticas, religiosas e econômicas do seu tempo; mas ele é também um santo, porque viveu aquela vida comum de maneira excepcional e amou com amor extraordinário. Ao descobrir a mensagem do Evangelho, deixou que o Evangelho o transformasse; então Marcelino decidiu partilhar com os outros, em particular com as crianças e jovens pobres, tudo o que tinha visto e ouvido.

AMAR A DEUS E TORNÁ-LO CONHECIDO E AMADO

“Muitas vezes dizia que “amar a Deus e torná-lo conhecido e amado era o que devia ser a vida dos

Irmãos”. Este desafio hoje é muito semelhante e a todos nos atinge, tanto Irmãos como leigos maristas. Ao ler esta edição de *FMS Mensagem*, espero que não apenas possam conhecer o que ocorreu no Ano da Espiritualidade Marista que já se encerrou, mas que guardem o seu espírito em suas vidas e encorajem a outros a fazer o mesmo.

Muitas bênçãos e meu afeto,

A handwritten signature in black ink, reading "B. Seán D. Sammon".

Ir. Seán D. Sammon, FMS
Superior Geral

GÊNESE do “ANO DE ESPIRITUALIDADE”

■ **IR. PETER RODNEY**
CONSELHEIRO GERAL





O mandato do Capítulo geral, pedindo a elaboração do texto, apresentava-o num quadro bem mais alargado: **“que continue a encorajar a reflexão sobre o tema de nossa espiritualidade no âmbito do Instituto** [Escolhamos a vida, nº48.1]. O que a comissão pretendia era um caminho mais efetivo, no qual o texto pudesse ter um significado de formação espiritual. A comissão continuou trabalhando ano após ano e esta idéia permaneceu viva.

INCENTIVAR O RELACIONAMENTO COM JESUS

Entre 2002 e 2005 o Conselho geral conduziu o seu primeiro turno de **visitas às Províncias**. À medida que o Conselho refletia na informação recolhida nessas visitas, outros ecos chegaram de muitas Províncias. Dentre eles, dois falavam a respeito da espiritualidade. Nós continuamos a ouvir que a identidade religiosa dos irmãos necessitava de uma reafirmação e de fortalecimento. Precisávamos voltar a incentivar o relacionamento com Jesus, o que está no coração de nossa consagração religiosa. Estas visitas confirmaram o discernimento do **20º Capítulo geral** e os valores permanentes do seu **primeiro apelo**:

As origens do Ano de espiritualidade estão aliadas ao primeiro encontro da Comissão Internacional de espiritualidade, que elaborou o texto Água da Rocha. Este grupo de irmãos e de leigos maristas se encontrou em Roma, em fevereiro de 2004, para refletir sobre como melhor incentivar o cumprimento do mandato originado no 20º Capítulo geral. Muito rapidamente surgiu na comissão um consenso de que havia necessidade não apenas de um texto de espiritualidade, por mais esperado que ele fosse, mas também de um processo dentro do qual o documento pudesse ser divulgado em todo o Instituto.



*Centrar apaixonadamente,
nossas vidas e comunidades
em Jesus Cristo, como Maria.
E para isso, efetivar processos
de crescimento humano e de conversão.*



Como manter o foco do Instituto sobre este apelo, assim como sobre os outros quatro, agora que o “primeiro entusiasmo” do Capítulo geral pode ter se dissipado? Em segundo lugar, os líderes provinciais se mostravam realmente conscientes do lugar que os leigos maristas agora estavam assumindo na liderança da missão marista. Então surgia um desafio: qual seria a melhor forma de formá-los como apóstolos maristas?

Um Ano de espiritualidade

Em fevereiro de 2006, durante sua sessão plenária, o Conselho geral decidiu consultar os provinciais sobre a oportunidade de lançar um Ano de espiritualidade para todo o Instituto. A resposta foi realmente positiva e encorajadora. Na sessão plenária seguinte, realizada em Junho, foi tomada a decisão de realizar o Ano de espiritualidade, começando em Outubro de 2007.

A escolha desse **momento do Ano** era particularmente oportuna. Viria imediatamente depois da iniciativa “*Um Coração, Uma Missão*”, que culminou com o encontro em Mendes, no Brasil, em Setembro de 2007, e precedia o ano de preparação (2008-2009) do 21º Capítulo geral. Um ano dedicado a aprofundar nossa espiritualidade poderia fortalecer a ligação entre os dois acontecimentos. Indo em direção a um processo de discernimento, como o Capítulo geral, o Instituto voltaria sua atenção às duas faces do nosso carisma: missão e espiritualidade.

As conclusões do encontro de Mendes contêm cinco chaves de orientação, e uma delas compromete o Instituto com uma **Uma revolução do coração – Abertura ao sopro do Espírito**. Em uma de suas partes





o documento declara que *nossa missão (está) formada e informada por nosso rico legado espiritual*. Um Ano de espiritualidade, centrado no aprofundamento de nossa espiritualidade seria uma resposta clara e prática a este desejo.

Olhando além do Ano de espiritualidade, para a **preparação do 21º Capítulo geral**, o que podemos ver? Ao convocar este Capítulo, o Ir. Seán conclui:

Estamos às portas de mais um novo Capítulo Geral na história da vida e da missão maristas. Podemos muito bem perder essa oportunidade de renovação. Para evitar esse risco, vamos rezar e discernir; vamos agir com coragem e destemor; vamos enfim ser fiéis ao sonho e à herança de nosso Fundador, quando estivermos reunidos no Capítulo no próximo ano.

(Circular de convocação, página 52)

Afortunadamente, o Ano de espiritualidade deu-nos uma maior capacidade para “rezar e discernir”.

Um convite para que bebam da fonte da vida, que é Jesus

Ao escolher o **tema para o Ano**, e um **logotipo** conveniente para a sua divulgação, a Comissão da vida religiosa quis evocar a imagem de movimento, de evolução, de crescimento, de vida. O tema, **Água da rocha: fonte de vida**, era um convite a todos os maristas para que bebam da fonte da vida, que é Jesus. Deliberadamente, o tema ecoava o título do novo texto de espiritualidade, como um meio tanto de promoção do próprio texto como, ainda mais importante, para colocar em evidência que os maristas escolheram o carisma de Marcelino como o meio preferido para viverem a sua vida cristã. O logotipo nos conduzia à fonte, onde a “corrente” de nossa espiritualidade marista começou – Marcelino e a comunidade dos primeiros irmãos no Hermitage – no vale do Gier.

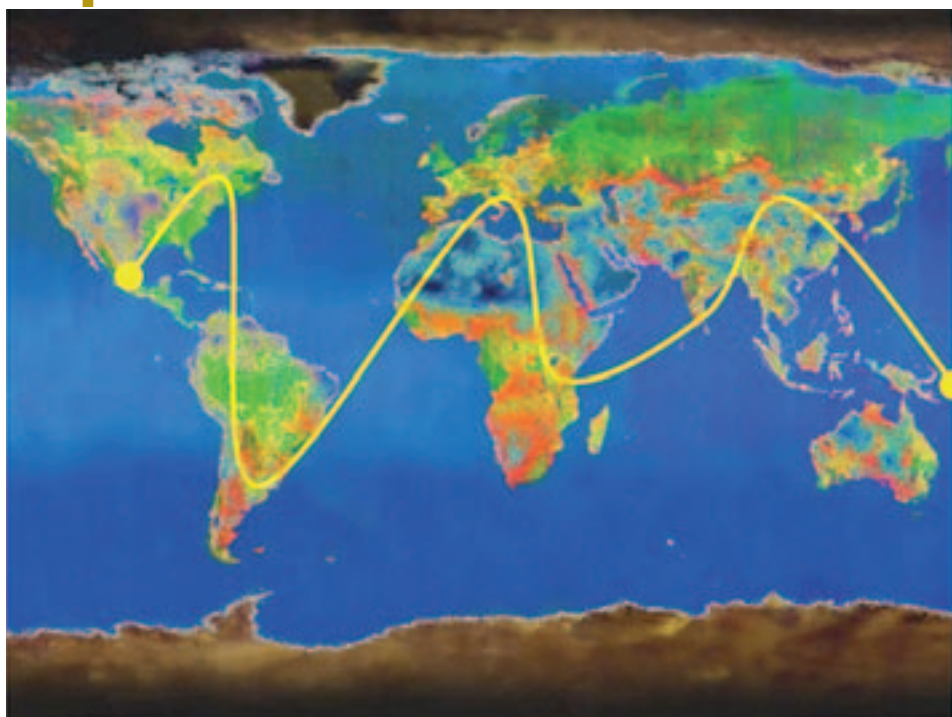
A **abertura** do Ano, marcada para o domingo, dia 7 de Outubro de 2007, procurava também comu-



nicar a idéia de movimento, envolvendo os maristas, tanto irmãos como leigos. O sentido de movimento e de interconexão se demonstrava pela corrente de oração. Começando com a comunidade do noviciado de Lomeri, nas Ilhas Fiji, e concluindo com a comunidade do noviciado de Morelia, no México, a oração passou de comunidade em comunidade. Efetivamente, 48 comunidades, que refletiam a rica diversidade da vida e da missão maristas, isto é, colégios e universidades, comunidades de inserção, comunidades de noviços e comunidades de irmãos idosos se sucederam, unidas em oração pela comum herança espiritual. Assim, durante este Ano, o Instituto foi convidado a centralizar a sua atenção sobre a formação espiritual.

O Ano de espiritualidade foi REALMENTE VISÍVEL

As Províncias e os Distritos acolheram todas as possibilidades deste Ano à sua maneira. Programas já existentes receberam uma injeção de vida. Novos programas de formação espiritual foram desenvolvidos, promovidos, realizados, avaliados e realizados novamente... Não faltou colorido e criatividade. Em diversas Províncias o Ano de espiritualidade foi **realmente visível**. A imagem da capa de *Água da rocha* traduz exatamente o **processo** que pretendíamos para o Ano.



DOMINGO 12 DE OUTUBRO DE 2008 COM UMA ORAÇÃO DE AÇÃO DE GRAÇAS

As Províncias seguiram o seu próprio ritmo e organização; por isso o encerramento do Ano se fez em dias distintos nos diversos lugares. Aqui em Roma, encerramos o Ano no **Domingo 12 de outubro de 2008** com uma oração **de ação de graças**. Era o aniversário da eleição, em 1839, do Irmão Francisco como o primeiro Superior geral. Naquela data, a liderança de nossa vida e missão maristas passou da geração do fundador à geração seguinte de maristas, representada por Francisco. A celebração não deixou de referir, com gratidão, a geração que, nos dias de hoje, assume a liderança marista. É uma liderança feita tanto pelos irmãos como pelos leigos maristas. Todos são herdeiros da herança espiritual que recebemos de Marcelino, de Francisco e dos primeiros irmãos. *“Somos carregados sobre os ombros de uma vigorosa tradição espiritual”* (nº 153). No espírito do Ano de espiritualidade, é uma herança que tem vida, e transmite vida:

A espiritualidade marista nascida com Marcelino e a sua comunidade fundadora, enriqueceu-se ao longo de sucessivas gerações de seguidores de Champagnat, para se tornar, hoje, uma fonte de água viva para o mundo. As futuras gerações contribuirão ainda mais para o desenvolvimento desta espiritualidade. Com Marcelino, sabemos que Maria continuará a orientar e a enriquecer a nossa identidade marista.”

(Água da rocha, nº 12)

Desta maneira, apesar de o Ano de espiritualidade ter terminado, rezamos para que os **processos de formação espiritual** dos irmãos e dos leigos maristas, que ele promoveu, possam continuar de maneira ainda mais completa e florescente. Essa será a **herança que dá vida** do Ano de espiritualidade 2007-2008.



Um HOMEM, UM INSTITUTO, UMA SOCIEDADE

■ **IR. ANDRÉ LANFREY**

COMISSÃO INTERNACIONAL
do PATRIMÔNIO





Do espírito do Instituto à espiritualidade marista

A NOSSA ESPIRITUALIDADE MARISTA REPOUSA EM TRÊS PILARES PRIMORDIAIS: CHAMPAGNAT, A CONSAÇÃO DE FOURVIÈRE E A INTERPRETAÇÃO ATIVA DOS IRMÃOS.

De 1816 a 1824 ele consegue encarnar o seu próprio projeto em Lavalla, sob a forma de *oratório* (Mémoire Bourdin OM2/754), em que combina fraternidade, apostolado multiforme, trabalho e severa mortificação. Ele é formador e companheiro muito mais que superior. Os seus discípulos interpretam a sua mensagem segundo dois eixos distintos, concretizados por dois homens: o Irmão J. M. Granjon, que se dedica antes à ação missionária ; o Irmão Luís, adepto de preferência da vida retirada. Desde 1822 (pensamentos, in Vida cap.10), uma espiritualidade fundada na oração, na união com Jesus e Maria, na vida religiosa e no apostolado catequético parece constituída nas suas grandes linhas.

Embora reconheçam Champagnat como pai (1823) e como superior (1825), os Irmãos demonstram certa dificuldade em aceitar o seu projeto de Sociedade de Maria muito monástica e estabelecida exclusivamente na escola. Por outro lado, os Padres de l'Hermitage, preocupados com a missão e pouco inclinados a viver sob a mesma regra dos Irmãos, recusam um modelo de SM centrado nos Irmãos. Essas peripécias levaram Champagnat a aprofundar a sua adesão à vontade de Deus (Nisi Dominus). Embora a obra esteja inacabada na data da sua morte (sem aprovação

POR PARTE DO PAI, CHAMPAGNAT É HERDEIRO DE UM CATOLICISMO RENOVADO, QUE PROCURA SUSCITAR CRISTÃOS MAIS CONSCIENTES DA SUA DIGNIDADE E DOS SEUS DEVERES. OS DOCUMENTOS NOS REVELAM QUATRO MOMENTOS NA CONSTRUÇÃO DA SUA ESPIRITUALIDADE PESSOAL: A DECISÃO IRREVOGÁVEL DE TORNAR-SE SACERDOTE (1804) ; O CUIDADO DE ENSINAR A RICOS E POBRES (1812); O LAÇO ÍNTIMO COM MARIA, MANIFESTADO PELA EXPRESSÃO : « SOU O VOSSO ESCRAVO » (1815). ENFIM, SE MARCELINO ADERE, SEM RESERVA, AO PROJETO DA SOCIEDADE DE MARIA EM 1816, É AFIRMANDO QUE « PRECISAMOS DE IRMÃOS ».

civil nem pontifícia e sem regra fixa), os seus discípulos sabem que l'Hermitage é a cidade de Maria e a casa mãe da ordem que os convoca a um ministério catequético.



UNIÃO A JESUS E HUMILDADE

Durante os vinte anos seguintes, a espiritualidade se fixa em grandes sínteses, tais como a circular sobre o espírito de fé (1848-53), as Regras Comuns (1852), o Guia das Escolas (1853), o Manual de Piedade (1855) e a Vida do Fundador (1856). O « Espírito do Instituto » é feito de identificação com aquele de Maria : união a Jesus e humildade fundada na consciência de a pessoa ser um nada perante Deus. Não é simples devoção mas uma mística marial.

O Irmão Luís Maria (1860-1879) e os seus sucessores lutam gradualmente, até 1958, para salvaguardar o « espírito do Instituto », que eles estimam ameaçado por um mundo cada vez mais afastado de Deus. Ainda assim, desde o final do século 19, perfila-se uma crise de consciência: o Irmão é primeiro monge ou apóstolo? Ele é primeiro catequista ou professor ? A secularização de numerosos Irmãos, depois de 1903, expõe às claras um problema da interpretação da espiritualidade marista que, fortemente negado em teoria, está presente nos fatos. Para os tradicionais, a espiritualidade marista só pode exprimir-se comunitariamente (regra e hábito), ao passo que para os





secularizados ela é primeiro um espírito apostólico assumido por indivíduos.

A mudança de orientação se opera no Capítulo de 1958, que concede mais autonomia espiritual (meditação e leitura espiritual em particular) e substitui o conceito de espírito do Instituto pela espiritualidade (Circular do Irmão Charles-Raphael). Esta abertura tardia é varrida pelo Concílio e pelos acontecimentos sociais dos anos 1965-75 : o Instituto deve reformar-se com urgência. Nos anos 1968-85, o Irmão Basilio Rueda lança as bases de nova e notável síntese da nossa identidade.

No fim desse período conturbado, o Instituto reconhece a espiritualidade como o seu problema central: daí as circulares dos generalatos dos Irmãos Charles Howard e Seán Sammon acerca desse tema.

Doravante a identidade marista de Champagnat se define menos como ordem do que como corrente de espiritualidade, endereçada a todos os gêneros de vida: religiosos, clérigos, leigos. « Água da Rocha » aparece como um aspeto deste trabalho de redefinição, aliás ainda longe do seu acabamento, no pressuposto de que tal acabamento possa ser visado.

COMO NASCEU ÁGUA DA ROCHA?

■ **IR. PETER RODNEY, CG**
COMISSÃO INTERNACIONAL
DE ESPIRITUALIDADE





ESSE TEXTO É FRUTO DA VISÃO DO XX CAPÍTULO GERAL. DISCERNINDO OS CINCO APELOS, O CAPÍTULO DEU INÍCIO A UMA REFLEXÃO MAIS PROFUNDA SOBRE CADA UMA DESSAS CINCO DIMENSÕES CENTRAIS DA NOSSA VIDA E MISSÃO. QUAIS SERIAM OS SINAIS DE VITALIDADE? COMO CULTIVAR ESSA VITALIDADE?

Nesta apaixonada busca de Deus e do sentido da vida, brotariam comunidades percebidas como **escolas de fé** (*Escolhamos a vida, n.20*).

Encarnando suas atitudes, a nossa busca seria **ao estilo de Maria** (*Escolhamos a vida, n.21*). Entre os meios de alimentar esta vitalidade, o Capítulo solicitava o seguinte.

Continuar a animar a reflexão a respeito de nossa espiritualidade, em nível de todo o Instituto e pensar na elaboração de um texto, semelhante ao documento “Missão Educativa Marista”, considerando as duas características principais de nossa espiritualidade: o aspecto marial e o aspecto apostólico

(*Escolhamos a vida, n.48.1*)

Em 2003, o Conselho geral estava em condição de avançar na realização deste mandato. Em junho, ele reuniu um grupo representativo de Irmãos. Este grupo de reflexão sobre a Espiritualidade delineou um documento em três aspectos específicos. Primeiro, esclareceu quais seriam os pretendidos desti-

NA ÁREA DA ESPIRITUALIDADE, O CAPÍTULO CONCEBEU UM INSTITUTO EM QUE OS IRMÃOS ENTRAM EM PROCESSO DE CRESCIMENTO PESSOAL E DE CONVERSÃO.

(*ESCOLHAMOS A VIDA, N.19*).

natários do documento e, portanto, o seu estilo. Desse modo, desde o começo, ficou claro a quem se dirigiria, incluindo os leigos maristas; com a sua ajuda, ele abrangeria a experiência deles quanto ao carisma de Marcelino. Esse grupo de reflexão, em segundo lugar, recomendou que a Comissão incumbida de produzir o texto se valesse de especialistas do nosso patrimônio espiritual, tanto quanto de peritos em comunicação. Em terceiro lugar, ofereceu à Comissão uma sugestão para a estrutura do texto.





A ESTRUTURA DO DOCUMENTO

Em setembro de 2003, uma Comissão internacional, composta tanto de Irmãos quanto de leigos maristas, estava formada e teve a sua primeira sessão em fevereiro de 2004. Seguindo processos que formavam o seu próprio espírito e esclareciam o seu mandato, a Comissão construiu sobre as bases lançadas pelo grupo de reflexão. No desenrolar do encontro, porém, houve um momento crítico quase no final, quando a estrutura do documento foi mudada significativamente.

Provisoriamente intitulado *Um Caminho espiritual Marista*, foi proposto que o corpo do documento compreendesse quatro partes: caminho marista de identidade; caminho marista para Deus; caminho marista com o povo; caminho marista para o apostolado. Empregando outra terminologia, essas quatro partes descrevem a vocação (consagração), a oração, a comunidade, o apostolado. Assim, o texto proposto tornaria a expressar hoje aqueles elementos cuja integração o XVII Capítulo geral de 1976 via como essenciais para a renovação da vida religiosa dos Irmãos.

Cada parte tinha de modelar-se dentro da estrutura das Constituições, onde a maioria dos capítulos segue a mesma linha sequencial. No ca-



so do texto da espiritualidade, o desenvolvimento seria este: em diálogo com o mundo e com a juventude de hoje; em diálogo com a experiência da Igreja; em diálogo com Maria e com Marcelino, no caminho dos Maristas de hoje. Desse modo, o texto seria baseado na experiência, especialmente dos jovens. Neste caso, refletiria sobre tal experiência à luz da tradição cristã, como foi mediada para nós por Maria e Marcelino. Por fim, desejávamos que a reflexão sobre cada parte convergisse para meios práticos, com os quais essa dimensão da nossa espiritualidade é vivida e se alimenta hoje.

COLETA DE MATERIAL

Entre abril e dezembro de 2004, a Comissão procedeu à primeira Consulta. Grande variedade de grupos de Irmãos e de leigos maristas foram consultados, no concernente à sua experiência de nossa espiritualidade, apostólica e mariana. Informação tanto do nosso patrimônio como da Mariologia foi colhida de pessoas especializadas. Todo este material foi estudado durante o segundo encontro da Comissão, em fevereiro de 2005. A estrutura do texto foi confirmada. Um plano foi elaborado para cada parte.

No tempo em que a Comissão se reuniu para o seu terceiro encontro, em fevereiro de 2006, o rascunho do texto havia passado por três revisões. O encontro revisou o texto de novo, produzindo a versão 5, que foi retocada com acréscimos. A versão 6 foi enviada a grupos representativos do Instituto, durante a segunda Consulta. De março a julho, foi um tempo para reações.

Em agosto de 2006, um grupo de redação da Comissão gastou oito dias na leitura da montanha de material enviado, analisando-o, sintetizando-o e comentando-o. Disseram-nos que o rascunho continha os elementos essenciais da nossa espiritualidade. Muitas outras coisas haviam ficado claras. Esse rascunho foi considerado muito teológico para os destinatários previstos.

Nele a presença de Jesus foi considerada insuficiente; o apoio da Escritura era muito escasso; o rascunho trazia poucos fatos da vida de Marcelino. A primeira parte, que versa sobre a identidade, era muito problemática e precisava ser reescrita por inteiro.

O grupo de redação entrou em ação e, *grosso modo*, deu à estrutura do texto a forma atual. A pri-



meira parte se abre com a declaração da nossa identidade e das origens da nossa espiritualidade em Marcelino e na Comunidade de fundação. As características da nossa espiritualidade são identificadas e explanadas. Cada parte vem permeada por um trecho da Escritura. O texto conclui com a oração do Magnificat, oração de Maria. Assim chegamos à versão 7.

Quando a Comissão se reuniu pela quarta e última vez, em novembro de 2006, ela procedeu ao refinamento da versão 8. Esse encontro, ademais, decidiu dar o nome ao texto.

O título inteiro tem a sua significação

Água da Rocha

Espiritualidade Marista

fluindo na tradição
de Marcelino Champagnat

COMO NASCEU ÁGUA DA ROCHA?

Ir. Peter Rodney



A Comissão sabia que, no uso diário do documento, este seria conhecido pelo título principal, pelo que visamos a algo que fosse simultaneamente distintivo e evocativo. As palavras *água e rocha* constituem imagens gêmeas, ambas muito ricas em nossas tradições cristãs e maristas. Além disso, queríamos que o título identificasse logo o livro como sendo de espiritualidade. Na identificação da espiritualidade como marista, tínhamos de qualificar ainda mais o termo, dado que não somos os únicos maristas.

Por fim, o verbo *fluir* foi deliberadamente escolhido, porque comporta a idéia de movimento e vida. Nisso fazíamos fluir a espiritualidade de Marcelino, comportando tanto as origens como o desenvolvimento desse tempo. O desenvolvimento há de continuar para além do nosso tempo e das nossas circunstâncias.

O desenho que segue vem ilustrar a proposta de *Água da Rocha*. A estrutura e o fluir do texto podem diagramar-se como abaixo:

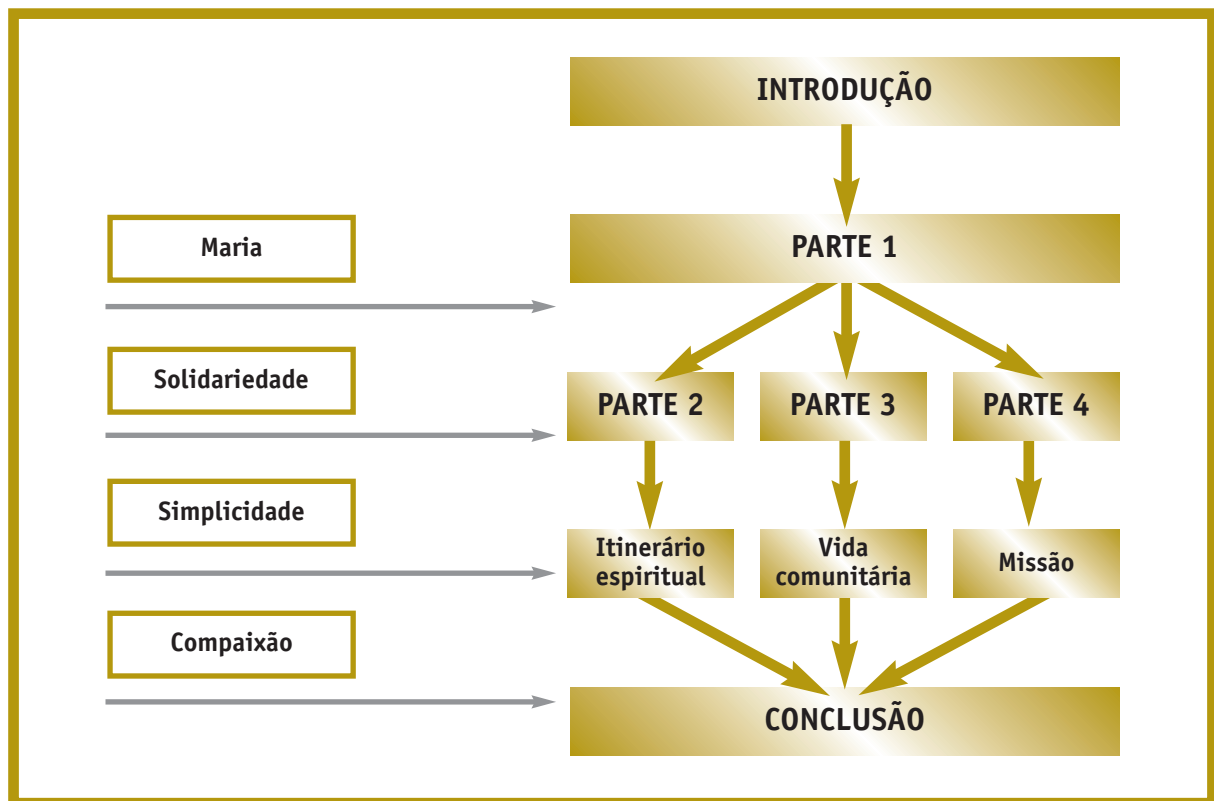


A Parte 1 (*"Saciados nas correntes de água viva"*) articula as origens e as características da nossa espiritualidade.

As Partes 2, 3 e 4 apresentam como a espiritualidade assim descrita é vivida e alimentada, em três áreas centrais da nossa vida. Os títulos de cada parte, juntos e conectados, demonstram o fluxo e a unidade. *"Saciados nas correntes de água viva, caminhamos na fé, co-*

mo irmãos e irmãs; anunciamos a Boa Nova aos pobres. Sonhamos novos sonhos”.

Segue-se um esquema em que se estuda o texto em perspectiva mais “horizontal”, cuja diagramação vem em seguida:



Vale a pena estudar um tema através de todo o texto. Os quatro temas aqui indicados são oferecidos como exemplos. (Alguns dos artigos desta edição de *FMS Mensagem* apresentam o fruto deste método de reflexão.)

Em janeiro de 2007, a Comissão estava liberada e feliz de ter concluído a sua tarefa, apresentando a versão 8 ao Conselho geral. Foi acompanhada com algumas ideias, preparadas pelo grupo de comunicação da Comissão, para ajudar na melhor maneira de difundir o texto. A Comissão estava firmemente convencida de que o texto, por si só, não comunicaria por inteiro a nossa herança espiritual. Pinturas, imagens, símbolos, tudo tem a sua

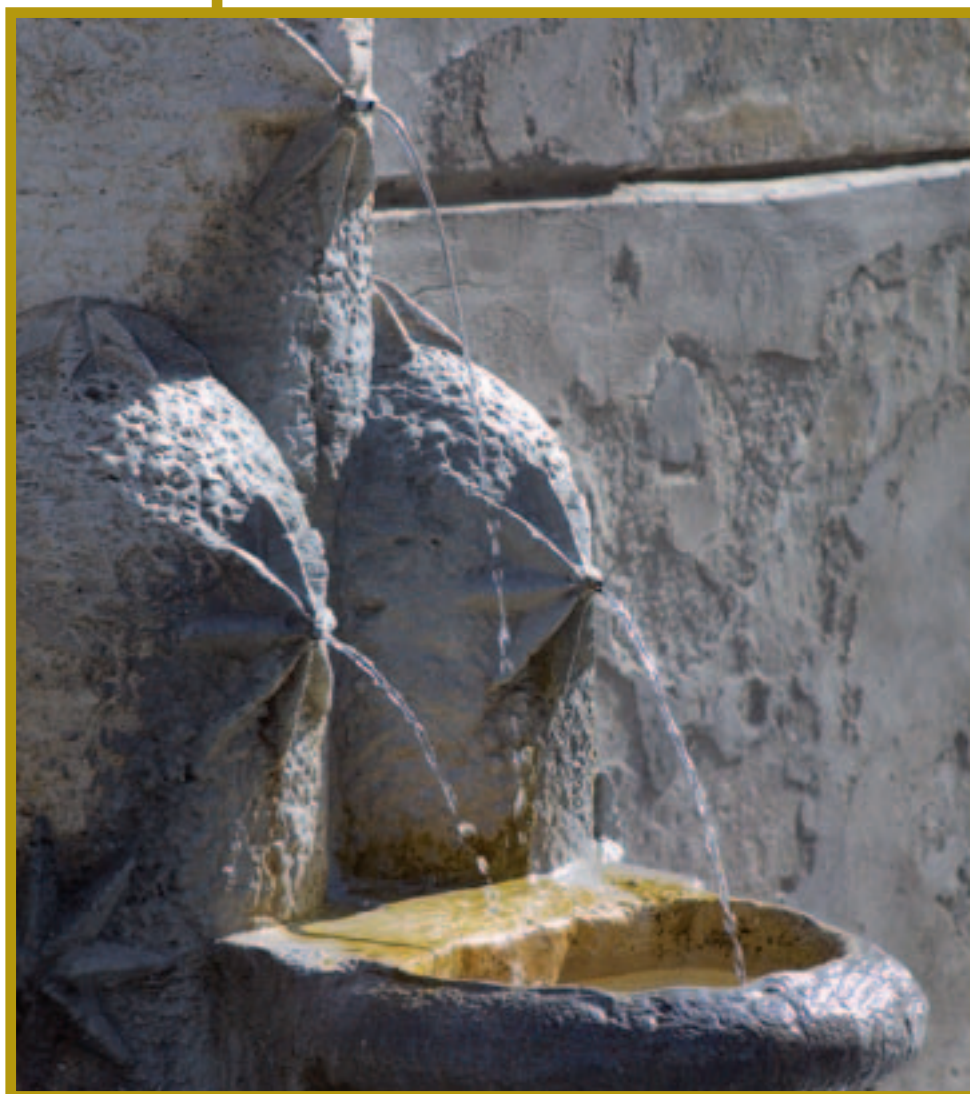
significância. Por este motivo, por exemplo, cada parte do texto tem a sua própria imagem distintiva: a rocha de l’Hermitage, a torrente, o caminho, a mesa de La Valla, o fogo e Marcelino carregando a criança.

O Conselho sugeriu alguns melhoramentos no texto. Assim surgiu a versão nove, que na sua redação original em inglês se tornou a *versão final*. Em seis de junho de 2007, *Água da Rocha* foi formalmente promulgada para o Instituto pelo Irmão Seán, Superior geral. Este é o texto, de publicação muito atraente, que temos em mãos hoje. Esperamos que nos provoque a dar uma resposta.

NAS ESTRADAS do “ANO DE ESPIRITUALIDADE”

■ **IR. TEÓFILO MINÇA**

SECRETÁRIO DA COMISSÃO
DE VIDA RELIGIOSA





UMA IDEIA ORIGINAL: A "CADEIA DE ORAÇÃO" NA ABERTURA DO ANO

Por todo o lado foi muito apreciada a "Cadeia de Oração" que abriu o Ano de Espiritualidade. A Comissão redatora do documento tinha expressado o seguinte desejo: "Esperamos que o documento contribua **para enriquecer a oração**, provoque a reflexão e inspire a ação" (AdR, pag. 19).

Pois bem: todo o documento foi rezado nesse dia. Os números de Água da Rocha haviam sido distribuídos, na sua totalidade, por 48 comunidades. Para além da unidade criada no Instituto, esta iniciativa teve, pelo menos, outras duas vantagens: 1) inspirou, posteriormente, muitos Irmãos e Leigos Maristas, a fazerem as suas próprias orações a partir de *Água da Rocha*, sobretudo em momentos importantes do Ano de Espiritualidade e da Província e 2) algumas províncias criaram a sua própria "Cadeia de Oração" empenhando todas as comunidades nessa iniciativa. Gera-se, desde o início, o que se verá ao longo de todo o Ano de Espiritualidade: **um grande amor por este documento**, visto como fonte especial de oração.

Um leigo confessava: "Frequentemente leio alguns números do documento para me deixar im-

ALGUMAS REFLEXÕES PESSOAIS

COMO FOI VIVIDO A "ANO DE ESPIRITUALIDADE" NAS PROVÍNCIAS? COMO FOI RECEBIDO O LIVRO *ÁGUA DA ROCHA* (AdR)?

PEDEM-ME ESTA PALAVRA PARA O PRESENTE NÚMERO DE FMS MENSAGEM, TENDO EM CONTA A MINHA EXPERIÊNCIA COMO SECRETÁRIO DA COMISSÃO DE VIDA RELIGIOSA, AO LONGO DO ANO DE ESPIRITUALIDADE. ESSA EXPERIÊNCIA TRADUZIU-SE NA ORIENTAÇÃO DE RETIROS, DE SEMINÁRIOS, DE CONFERÊNCIAS, DE ENCONTROS DE REFLEXÃO. ALÉM DISSO O CONTATO DIRETO COM MUITAS PESSOAS DO MUNDO MARISTA, IRMÃOS E LEIGOS MARISTAS, AO LONGO DO ANO, TAMBÉM FOI MUITO RICO.

pregnar da Espiritualidade Marista. Está a tornar-se um alimento muito importante na minha vida quotidiana".





O ENTUSIASMO GERADO PELO DOCUMENTO EM TODA A CONGREGAÇÃO

O documento era esperado desde há muito tempo como algo necessário para a vida da Congregação em geral, e para a vida dos Irmãos e Leigos Maristas, em particular.

Uma voz entre tantas outras diz: *“Um grande muito obrigado à Comissão que redigiu o documento Água da Rocha. Não tenho dúvida nenhuma de que este trabalho é fruto do Espírito Santo. Foi o Espírito Santo que guiou a Comissão para apresentar assim um trabalho tão bonito e tão profundo. Estou convencido de que será muito apreciado em todo o mundo marista”.*

O entusiasmo gerado pelo documento manifesta-se, pelo menos, de três maneiras:

1. Pelo número de traduções que se fizeram do documento. O original do documento é inglês e de imediato foi traduzido nas outras línguas oficiais do Instituto: Francês, Espanhol e Português. Além disso, dando atenção às diferenças de expressão que se podem verificar na mesma língua, temos a versão em “português do Brasil” e “espanhol de América Latina”. Existem traduções em alemão, ho-

landês, italiano, catalão, coreano, húngaro, grego, shinala e tamil. Considerando as versões brasileira e espanhola de América Latina como “independentes” temos o livro Água da Rocha publicado em 16 línguas. Traduções em Árabe, Kiswhali e em Urdu estão a caminho. À parte as *Constituições*, nenhum livro, na história do Instituto, teve tal difusão linguística. As diferentes traduções respondem a uma necessidade de “sentir” e “viver” o documento.

2. Outro elemento que manifesta o entusiasmo gerado por este documento no mundo marista é o número de cópias que se imprimiram, além da edição “romana”. Alguns países reeditaram o texto. Outros publicaram, em números elevados, uma edição popular. Também aqui, muito provavelmente, nenhum outro documento na história da Congregação teve um montante de cópias tão elevado. Ao todo foram publicados 61.700 (Ver Anexo)
3. O terceiro elemento que diz o entusiasmo que suscitou este documento é o grande número de iniciativas e de orações que se promoveram durante o Ano de Espiritualidade e que continuam a promover-se, tanto a nível local e provincial. Para já não falar de algumas que partiram de Roma para centros de formação ou para determinadas províncias a pedido de seus provinciais. Eram iniciativas e orações que revelavam muita criatividade, dinamismo e ousadia. Em tais ocasiões o sentimento era sempre o mesmo: o livro era e é fonte de inspiração para a oração individual e comunitária.



Podemos também dizer que este documento ajudará a aprofundar a reflexão sobre a Espiritualidade no Instituto. Esta reflexão já começou há muito tempo com os nossos pesquisadores e historiadores. *Água da Rocha* insere-se nessa corrente de reflexão. Alguns artigos de certo volume e profundidade já apareceram. Outros, mais simples, mas que exprimem uma reflexão dos autores sobre partes de *Água da Rocha* também aparecem à luz do dia. São artigos, relativamente pequenos que respondem também ao desejo da Comissão que gostaria de ver o texto como “fonte de reflexão”.

Cabe também neste apartado dizer uma palavra especial sobre a alegria dos leigos ao receberem este documento. Surpreendeu-me a atitude dos leigos ao referirem o documento como o “seu documento”. Por toda a parte se partilha a ideia de que, para o Leigo Marista, já não é suficiente partilhar a missão. Os Leigos sentem também a necessidade de viver a espiritualidade que Marcelino nos deixou.

Um leigo escreve de um modo bem original: *“Água da Rocha é um livro para ser lido e relido. Mais ainda: é um livro para ser esmiuçado paulatinamente, como se tomássemos uma “pastilha bíblica” engolida com “água da rocha”.*

A comunhão já se vivia entre Leigos e Irmãos graças à missão comum. Agora é aprofundada e consolidada graças à Espiritualidade.

“As riquezas insuspeitáveis do nosso novo livro de espiritualidade”

Tiro esta expressão da reflexão pessoal de um Irmão Ad Gentes. O Irmão menciona algumas dessas riquezas. Eu digo outras.

a) “O homem eucarístico”, “a mulher eucarística”

A **Eucaristia**, uma dimensão fundamental da Espiritualidade marista? A resposta parece ser afirmativa tanto a partir de elementos tradicionais da nossa espiritualidade (como a presença de Deus e a nossa presença “primeira” junto ao presépio, altar e cruz), como a partir de elementos novos sugeridos por *Água da Rocha*. Nos três números referidos explicitamente à Eucaristia (23, 86, 104), ela é apresentada como CENTRO de nossas vidas. Em três números mais se fala de Jesus como CENTRO de nossas vidas (4,116, 135).

Água da Rocha não se limita, porém, a afirmar a vivência da Eucaristia como sacramento. Aponta-nos para uma vida eucarística, para um viver de modo eucarístico muito bem expresso em quatro adjetivos, todos do mundo eucarístico: *reunidos, abençoados, disponíveis e oferecidos* (86, 104; 108). Nesta perspectiva podemos compreender melhor a expressão que já se vê em muitos escritos espirituais: construir em nós “o homem eucarístico”. Como compreendemos também a expressão que João Paulo II aplica a Maria: ela é “o primeiro ‘sacrário’ da história” (*Ecclesia de Eucharistia*, 55). Ou seja, Maria é “a mulher eucarística”.

b) Dimensões da Espiritualidade

A consciência de que uma espiritualidade para ser completa não deve prescindir de nenhuma destas dimensões: **a mística, a teologal (bíblica) e a ascética**. É bem claro que *Água da Rocha* não esquece nenhuma dessas dimensões. Ao dizê-las no seu conjunto, de modo equilibrado, estamos no bom caminho para apresentarmos o melhor da espiritualidade marista como caminho de vida para muitos no interior da Igreja.

A **dimensão mística** aparece no segundo capítulo (71-73) onde se fala do reconhecimento por parte do místico da presença ativa do Espírito Santo no mundo e da presença do Senhor em todos os acontecimentos. O místico descobre o Senhor para entrar em comunhão com Ele. A mística é, finalmente, uma atitude de recolhimento e de contemplação de Deus e dos seus mistérios. Tem como objetivo a comunhão do homem com Deus.

É importante e significativo que *Água da Rocha* tenha sublinhado este aspeto. Ao fazê-lo retoma em clave marista uma dimensão que es-





tá presente em toda e qualquer espiritualidade. Cristo é o místico por excelência em virtude da sua união total e permanente com Deus, por força do Espírito Santo que habita n'Ele. Água da Rocha não deixa de sublinhar esta presença do Espírito Santo no crescimento de toda a mística, no crescimento de todo o místico. É Ele que nos conduz a essa plenitude de comunhão com Deus: nós somos Templos do Espírito Santo (cf Jo 14, 23; 1 Co 3, 16).

O Capítulo 2 sublinha ainda a **dimensão ascética** ao apresentar-nos *“algumas práticas essenciais para alimentar a nossa vida de fé como Maristas”* (79).

c) *A importância da Bíblia na nossa espiritualidade*

Será que existe uma **dimensão bíblica** na nossa espiritualidade? A pergunta tem razão de ser, porque, desde os tempos de Vaticano II a Bíblia passou a ter uma importância fundamental na Espiritualidade Marista. Água da Rocha entra decididamente nessa corrente bíblica. É um bom exemplo de integração da Escritura, cada vez mais, na Espiritualidade Marista.

1. Todos os capítulos têm como cabeçalho um texto bíblico de grande importância. O último refere, claramente, que anunciamos a Boa-Nova aos pobres. Assim a Boa-Nova da Bíblia é central na nossa atividade apostólica.
2. Uma das características da nossa Espiritualidade segundo Água da Rocha é “O amor a Jesus e seu Evangelho” (19-24). Além dis-

so, todos os capítulos e de uma maneira especial o quarto, tem no seu interior, várias referências bíblicas.

3. Uma das práticas sugeridas em Água da Rocha para nutrir a nossa vida espiritual isto é, a nossa espiritualidade, é a **Lectio Divina ou meditação da Palavra de Deus** (80).
4. E um observador mais atento nota que os símbolos associados aos diferentes capítulos são todos eminentemente bíblicos: a água, o rochedo, o caminho, a mesa e o fogo.

Além disso, toda a espiritualidade é dinâmica. Nesse dinamismo, qualquer espiritualidade pode assumir, **hoje**, elementos do passado que estavam esquecidos ou não estavam descobertos ou que não existiam mesmo: mas são criados, respondendo a necessidades fundamentais da pessoa humana. A Bíblia encontra-se, hoje, cada vez mais, no coração da Espiritualidade Marista.

d) *Para além dos aspectos apostólico e marial da nossa espiritualidade*

O documento *Água da Rocha* alargou os horizontes da nossa Espiritualidade. É a sensação unânime em todas as províncias. Praticamente, desde os tempos do Concílio Vaticano II e dos Capítulos



Gerais da Congregação de 1967/1968 e 1976 o estudo da Espiritualidade Marista centrou-se nas suas dimensões apostólica e mariana. O capítulo de 1976 no documento **Oração, Apostolado, Comunidade**, cunhou, pela primeira vez no Instituto, a expressão "*Espiritualidade Apostólica Marista*".

Água da Rocha não nega o caráter marial e apostólico da nossa espiritualidade. Reafirma-o muitas vezes. O documento sublinha, por exemplo, logo desde o início que a Espiritualidade Marista é "**paixão por Deus e compaixão pelas pessoas**" (1) Falar em "compaixão" pelas pessoas é dizer o apostolado a que somos convidados na Igreja, realizando-o de maneira compassiva. Compaixão e apostolado não são duas realidades distintas. Constituem uma unidade ao falar de Espiritualidade Marista.

Mas Água da Rocha recorda-nos outros elementos característicos da nossa espiritualidade que não eram tão "batidos e rebatidos" como os elementos apostólico e marial. Esses "novos elementos" também não se encontravam explicitamente presentes nas seis características definitórias que aparecem no Capítulo 1 e que todos sabemos de cor: a presença e o amor de Deus; confiança em Deus; o amor a Jesus e a seu evangelho; uma espiritualidade vivida à maneira de Maria; o espírito de família; uma espiritualidade de simplicidade.

Água da Rocha torna-nos conscientes de que a nossa espiritualidade é também **comunitária, relacional e afetiva, simples e realista, apaixonada e encarnada, missionária e eucarística**. Não estamos habituados a esta linguagem. Água da Rocha torna-a, aos poucos, uma linguagem comum no mundo marista. Era uma riqueza nossa. Estava um pouco escondida. Agora aparece à luz. Água da Rocha foi um documento "revelador".

e) Uma espiritualidade apostólica onde sobressai a missão "Ad Gentes"

É ponto assente em todo o mundo marista que a nossa espiritualidade é apostólica. Água da Rocha lembra isso várias vezes, assim como a palavra da Introdução e a palavra de Seán no começo. O capítulo 2 também lembra esse aspeto. E o capítulo 4 completa, de um modo magnífico o capítulo 2 alargando o mundo do nosso apostolado "*dirigindo-nos a lugares onde ninguém quer ir*" (149) e "*responden-*





do com generosidade ao chamamento da Missão Ad Gentes” (150).

Embora *Água da Rocha* não escreva a expressão explicitamente, é claro para todo o mundo marista que a nossa espiritualidade é uma “**espiritualidade missionária**”. *Água da Rocha* confirma e consolida o que já estava presente nas Constituições: a existência de uma “*espiritualidade missionária marista*” (C, 91). E confirma-o ao lembrar o convite da Missão Ad Gentes. Leigos e Irmãos assumem esta dimensão, não apenas como uma resposta ao convite do Mestre: “*Ide por todo o mundo e anunciai a Boa-Nova*”, mas como uma dimensão constitutiva da nossa espiritualidade. Temos aqui uma relação maravilhosa entre espiritualidade e missão. As duas realidades completam-se, uma não vai sem a outra.

Por outro lado, *Água da Rocha* ao assumir e confirmar esta dimensão missionária da nossa espiritualidade, nada mais faz do que atualizar uma

tradição que vem das nossas origens: Champagnat mandou Irmãos para a Oceânia. *Água da Rocha* propõe com redobrada vitalidade o reencontro do Instituto com a missão Ad Gentes. E ao fazê-lo diz-nos também, com toda a clareza, que uma atitude de abertura e de disponibilidade missionária é parte da nossa espiritualidade.

f) A dimensão feminina da espiritualidade marista

A nossa espiritualidade é também “*fortemente relacional e afetiva*” (31). Seria exagerado falar de “**dimensão feminina da espiritualidade marista**”? A pergunta surgiu muitas vezes, tanto em seminários como em retiros. O tema de Maria é dos temas mais presentes, se não o mais presente, em *Água da Rocha*. Maria inspira as nossas atitudes (27, 113, 114, 131); com Maria louvamos o Senhor (88, 151); Maria está presente na nossa missão (5, 11, 26, 27, 75, 132, 133, 149); confiamos em Deus como Maria (61, 68). Estas

poucas referências dizem-nos que é a partir da presença de Maria na nossa espiritualidade e no nosso documento que podemos deduzir, sem dificuldade alguma, uma possível dimensão feminina na nossa espiritualidade.

O número 31 fala do modo como Marcelino se relacionava com Maria. Escreve precisamente: *“a imagem da irmã enriquece o modo marista de se relacionar com os outros, modo que define o nosso apostolado”*. Não poderíamos dizer também que define a nossa espiritualidade? Sem dúvida. Maria foi aquela que inspirou aos primeiros maristas uma nova visão de ser Igreja. Inspira também os maristas de hoje a serem *“Igreja mariana que tem coração materno onde ninguém é abandonado”* (114). Ao sublinhar esta dimensão marial da nossa espiritualidade sublinhamos ao mesmo tempo a sua dimensão feminina.

g) A presença do Espírito em nós

O Espírito Santo é fonte de toda a espiritualidade e de todo o apostolado em toda a tradição espiritual cristã. Afirmar isto é quase uma repetição de termos: não há espiritualidade sem a presença do Espírito Santo. Mais ainda, viver espiritualmente é viver segundo o Espírito de Deus. É impressionante o número de vezes que Água da Rocha recorre ao Espírito para o mostrar como fonte de espiritualidade (cf AdR, pag. 15; nº 50, 87); como fonte de apostolado (cf AdR, pag. 15; nº 124, 148, 156); ou como fonte dos dois, ao mesmo tempo (cf AdR nº 13, 43, 60, 72, 74, 117, 131, 133). Pressenti nas Províncias uma necessidade de nos voltarmos mais para a ação do Espírito em nós. E alguém me fazia notar que há uma “certa” semelhança





entre as “pequenas virtudes” e os frutos do Espírito. Não serão as pequenas virtudes mesmo um fruto do Espírito?

CONTINUAR O CAMINHO PERCORRIDO

Viveram as províncias e o mundo marista em geral, o Ano de Espiritualidade?

Não há dúvida nenhuma que viveram. O panorama “*espiritualidade marista 2008*” é de fato muito variado: houve iniciativas, orações, programações feitas, algumas das quais até 2010, revistas provinciais publicadas sobre o assunto, entrevistas dadas a jornais e a rádios, podemos mencionar mesmo uma missa teledifundida sobre a espiritualidade marista. Isto é o que podemos ver. Certamente no coração das pessoas, Deus e o seu Espírito também trabalharam. Alguns dos testemunhos recebidos apontam nesse sentido. Agora, somos chamados a continuar o caminho percorrido. E a não esquecer o auxiliar precioso que Água da Rocha representa no nosso itinerário espiritual.

Não deixemos secar esta *Água da Rocha*, este rio de água viva. Continuemos a beber desta torrente de água viva que começou em La Valla. Nela já beberam, Irmãos e Leigos, ao longo destes quase duzentos anos da Congregação. Agora, é o nosso tempo de beber para nos tornarmos fonte de água viva para outros.

NÚMERO DE CÓPIAS PUBLICADAS

PUBLICAÇÕES	EDIÇÃO NORMAL	EDIÇÃO POPULAR	TOTAIS
Argentina	10.000		10.000
Brasil	7.100	9.050	16.150
Chile	3.500		3.500
Venezuela	1.000		1.000
Ecuador	2.000		2.000
México	5.500		5.500
África		1.000	1.000
Sri Lanka (Shinala)	1.000 adaptada		1.000
Índia (Tamil)	500 adaptada		500
Grego	2.000		2.000
Húngaro	500		500
Alemão	80		80
Holandês	50		50
Coreano	20		20
TOTAL			43.300

Livros impressos em Roma	18.400
– Inglês	5.100
– Francês	2.300
– Espanhol (Espanha)	4.400
– Espanhol (América Latina)	3.400
– Português (Portugal)	1.100
– Catalão	1.100
– Italiano	1.000
TOTAL	61.700

NOSSA MISSÃO JUNTO AOS JOVENS NECESSITADOS

■ **IR. THÉONESTE KALISA**
CONSELHEIRO GERAL





A publicação do documento « ÁGUA DA ROCHA » ESTÁ LIGADA À MUDANÇA OBSERVADA COM RELAÇÃO À IDENTIDADE MARISTA. NO FERVILHAR DAS NOVAS IDEIAS, EM TORNO DO QUE SIGNIFICA SER MARISTA NAS PEGADAS DE CHAMPAGNAT, O CAPÍTULO GERAL DE 2001 SENTIU A NECESSIDADE DE ESTABELECEM REFERÊNCIAS OBJETIVAS E CONSENSUAIS. DESEJO SUBLINHAR O LUGAR QUE O DOCUMENTO « ÁGUA DA ROCHA » (AdR) RESERVA À NOSSA MISSÃO, JUNTO AOS JOVENS MAIS ABANDONADOS. A INTUIÇÃO CARISMÁTICA DE CHAMPAGNAT DIRIGE-SE A ESSA CATEGORIA SOCIAL. LIMITAREI ESSENCIALMENTE MINHA CONTRIBUIÇÃO A ALGUNS PARÁGRAFOS DO CAPÍTULO IV DO DOCUMENTO: “ANUNCIAMOS A BOA-NOVA AOS POBRES”.

À primeira vista, a espiritualidade marista de Champagnat reside na compaixão cristã. Como Jesus que, no início de sua missão, proclama: “O Espírito do Senhor está sobre mim, ele me enviou a proclamar a boa-nova aos pobres...”, assim a missão dos apóstolos maristas nasce da experiência do amor de Deus e do desejo de participar da missão de Jesus (AdR, 124). A missão cristã de Champagnat volta-se para as crianças e os jovens dos ambientes pobres. Percebe-os como destinatários da compaixão particular de Jesus. A falta de experiência e a dependência econômica, próprios de sua idade, fazem das crianças os elementos mais frágeis, numa sociedade em que domina a competição, muitas vezes cega e impiedosa.

Os problemas fundamentais CONTINUAM OS MESMOS

Por ter vivido sua infância num meio conturbado, Champagnat foi um excelente parceiro para exprimir a compaixão de Jesus para com os jovens. Cento e noventa anos mais tarde, AdR nos coloca de novo diante da dura realidade do lugar de nossa missão evangelizadora (125); o mundo mudou, a situação é mais complexa, mas os problemas fundamentais continuam os mesmos.

Diante das novas formas que os desafios vão tomando, a compaixão exige mais abertura e profundidade espiritual, e também maior zelo. A exigência de nossa espiritualidade, expressa por



todo o documento, nos recorda que tomamos a iniciativa de ir ao encontro dos jovens em dificuldade, onde quer que estejam, para exprimir-lhes nossa preferência e para encontrar respostas concretas para suas dificuldades (144).



A COMPAIXÃO PARA COM A JUVENTUDE ABANDONADA

O nº 146 do documento AdR lembra-nos que a educação é para nós lugar privilegiado para a evangelização. A experiência pessoal de Marcelino, particularmente aquela de sua infância, iluminou sua intuição carismática de idade adulta. AdR expressa nossa fidelidade à espiritualidade de Champagnat, diante da realidade e em palavras hodiernas. A compaixão para com a juventude abandonada nas zonas rurais, que Marcelino bem conheceu, nós a estendemos, hoje, a todos os jovens que não dispõem de nenhuma atenção benevolente.

Diante da situação inaceitável da juventude abandonada, Marcelino intuiu que a educação poderia fazer a diferença. Foi o meio do qual se valeu para tornar os jovens capazes de se assumirem. Ainda hoje, as crianças e os jovens abandonados são numerosos. Constituem um problema maior para a sociedade e um desafio apostólico para nós. O texto AdR aponta essa situação e nos interpela: “Cada apostolado marista traduz uma preferência por aqueles que jamais são preferidos” (146). O esforço de formular por escrito nossa espiritualidade espontânea e prática tornou-se assim uma ocasião para sublinhar seus apelos e orientações de fundo, sobretudo, o chamamento de ir ao encontro das crianças e dos jovens pobres para evangelizá-los mediante a educação.

AdR apresenta-nos o método marista para a pastoral de juventude. Champagnat percebeu um apelo insistente de Deus em seu encontro com o jovem Jean

Baptiste Montagne. Ele agiu imediatamente e de modo prático. Nós também mantemos os olhos abertos, contemplativos na ação, encontrando Deus na realidade dos fatos e nas situações ordinária. O questionamento de nosso discernimento é simples: Quem são nossos J. B. Montagnes, hoje? Entre as muitas necessidades das crianças e dos jovens, discernimos aquelas que despertam em nós respostas apostólicas que nos chamam a agir sem tardar. Com seu estilo indicativo, AdR nos interpela e nos tranquiliza: reafirma nossa fidelidade a Champagnat e nos convida a observar o longo caminho de aprofundamento que ainda podemos percorrer.



QUAIS SÃO OS ASPECTOS MAIS



É uma forma nova de nos encontrarmos com Deus, um Deus amoroso, sensível e que gera confiança. Este encontro, através do diálogo, se transforma em oração.

Uma oportunidade de olharmos para o futuro, de revalorizar as nossas origens e a entrega amorosa daqueles que depositaram sua fé em Jesus e o seguiram. Um apelo do Espírito para nos convertermos em torrentes de vida; espiritualidade marista que é como um fogo, desafio e ação; um fogo que ilumina e convida a

outros, desafio que nos pede para anunciar que somos apóstolos, ação que nos permite ser testemunhas e sonhar que um novo mundo é possível. Um legado de vida, um novo testamento espiritual, para ir ao encontro daqueles que são os Montagne de hoje, sendo para eles uma Boa-nova.

CARLOS ULISES CENTENO LÓPEZ
MÉXICO CENTRAL

O ano de 2008, ano da Espiritualidade marista, foi para mim de particular importância. Recebi o documento "Água da Rocha" e comecei a conhecê-lo, graças a uma leitura assídua - pessoal e comunitária - com a fraternidade.

Tenho certeza de que o documento permanecerá na história do Instituto, devido ao conteúdo denso, mas expresso com simplicidade, e devido à excelente apresentação gráfica. Enriquecido com a espiritualidade desse documento, em 2008 fui convidado a participar da formação de uma equipe de animação para as fraternidades da Província Mediterrânea. Em

numerosas reuniões, utilizamos "Água da Rocha" para a reflexão e para momentos de oração. Essa bela experiência atingiu seu ponto culminante por ocasião do primeiro encontro provincial das fraternidades, realizado em Granada, nos dias 5 a 8 de dezembro de 2008. Serei ainda, por dois anos, membro da equipe de animação; darei o melhor de mim mesmo para conseguir maior união entre as fraternidades da Província. Que nossa Boa Mãe acompanhe e ilumine o caminho dos jovens que peregrinam sob seu manto!



CARMINE IODICE
MEDITERRÂNEA

SIGNIFICATIVOS DE ÁGUA DA ROCHA?

Este livro está bem escrito e apresentado de forma muito atraente. As imagens literárias e as fotos que as acompanham encorajam a reflexão e a contemplação: “Água da rocha”, “água viva”, “caminhar na fé”, a mesa da comunidade de La Valla etc. O livro nos apresenta Marcelino de um modo muito positivo: aberto, franco, resoluto,



corajoso, entusiasta, constante, sereno e que se sente amado. O livro mantém a tradição: presépio, cruz e altar, salmo 127, simplicidade, etc., ao mesmo tempo que emprega também expressões modernas: comunhão com a natureza, justiça, paz, solidariedade, união etc. O documento é fiel às práticas maristas que todos amamos. O lugar de Maria na nossa espiritualidade

é mantido fielmente: cf., artigos 131-133 do capítulo segundo. O livro apresenta também a dimensão apostólica da nossa espiritualidade; como consequência “procurarmos ocasiões para estar com os jovens”; ao mesmo tempo presta uma atenção especial ao valor da comunhão/comunidade, sem deixar de mencionar a espiritualidade pessoal.

IR. CHRISTIAN MBAM
NIGÉRIA

IR. NEVIL BINGLEY
NEW ZEALAND



Quando conheci o texto “Água da Rocha”, recebi também uma explicação em torno de sua estrutura: quatro partes que apresentam a essência da espiritualidade marista; depois, as consequências de tudo isso para mim, para nossa vida de relação com os demais e, finalmente, as

consequências para a ação pastoral. Isso me iluminou muito e comecei a ver com clareza como aproveitar de tudo isso. Melhorou ainda mais, quando me dei conta de que era preciso ler o documento como o Evangelho, na perspectiva de nossa própria imagem de Deus, sempre em crescimento. Por isso, para mim é um documento extraordinariamente útil e que oferece algo novo, sempre que é lido.

Ir. JAVIER ESPINOSA
Diretor do Centro
de Espiritualidade
do Escorial



MEU CAMINHO ESPIRITUAL

ATENÇÃO! Todos os
QUE ESTÃO COM SEDE,
VENHAM BUSCAR ÁGUA.
VENHAM TAMBÉM OS
QUE NÃO TÊM DINHEIRO:
COMPREM E COMAM
SEM DINHEIRO
E BEBAM VINHO
E LEITE SEM PAGAR.
Is 55,1

Sinto que me custa sistematizar minha experiência espiritual, mas neste simples testemunho, destaco alguns pontos que precisamente logrei retomar no encontro que, junto a leigos (as) e Irmãos, vivi em Quito.

A minha experiência cristã vai muito unida à experiência marista. Nela aparece com força a gratuidade de Deus. Não encontro nem lógicas nem ações que levem a resultados. Sinto o Deus gratuito, que colocou em mim o gozo de viver, de desfrutar a vida marista, em suma sinto-me feliz. Não sei dizer mais. Dou-me conta de que pensar nisso me comove e emociona. O Deus que aparece na minha vida é o Deus compassivo, com entranhas de misericórdia. Ele me convida a ter o mesmo olhar compassivo. No rosto das pessoas ele se faz vida, palavra, proximidade, mensagem. É o Deus fortemente presente: aqui e ali; acima e abaixo; dentro e fora; sempre és tu; aí estás. / Tudo e nada. Assim, Tu és o meu Deus, meu Senhor, meu tudo; Plenitude/ vazio/ Plenitude.

Meu tempo no noviciado de Venta de Baños me fez descobrir a Deus no mais profundo do coração, como no mais profundo das pessoas. Deus no mais autêntico e verdadeiro da pessoa. Recordo o hino tam-

Ó tu que estás na tua casa no fundo do meu coração. Aí podia contemplar, admirar e adorar a Deus. Deste modo o expressava no meu projeto: "Cada pessoa, cada Irmão é história sagrada. Respeito pelo outro. Atenção e escuta". Com o fluir do tempo, fui descobrindo que o crescimento como pessoa se converte em transparência de Deus. Deus me quer como pessoa realizada e plena. Percebi que todo o processo pessoal de busca de autenticidade, de verdade, de coerência constitui uma contribuição real para um mundo mais humano, ou melhor, para um mundo segundo Deus.



A minha experiência espiritual vai unida ao Deus que surpreende a partir das surpresas da vida. Deus supera os meus medos e a minha timidez nas mudanças e missões. Num dos meus projetos escrevi o seguinte: “Creio na novidade de Deus, sempre surpreendente e imprevisível, no seu apelo a viver com inovação e criatividade cada época da vida”. A imagem que vivo de Deus é a de um Deus feito história, acontecimento humano, feito relação e comunicação, feito homem, feito caminho e busca, feito entrega e amor. O meu Deus só tem sentido no meio dos homens e mulheres do nosso mundo. Aqui fiz a ligação com a presença de Deus em Champagnat: “Deus presente em tudo”. Apelo a manter os olhos abertos às teofanias de Deus.

O 19º Capítulo Geral marca certa evolução na minha fé. Os escritos que Marce me enviava, a experiência em BASIDA (centro de reabilitação para enfermos de AIDS), a participação no dito Capítulo...

tudo me introduzia na dimensão apostólica da nossa espiritualidade. Era a contemplação de Deus na contemplação da vida.

A atitude de Maria na Anunciação me ajudou neste caminho espiritual, não espiritualista: suas perguntas, suas buscas, seu silêncio, sua escuta... sua aceitação do querer de Deus. Irmãos santos que conheci afirmaram esta dimensão integradora da fé. Lucas, de oração intensa e profundamente humano; Ciriaco, tão de Deus e tão aberto à realidade; eles e outros me disseram que a espiritualidade marista é um estilo de viver, feito de comunhão, de simplicidade, de relação, de presença entre os Irmãos, de humanidade; em suma, disseram-me que o profundamente humano é de Deus.

Confesso as minhas dificuldades nesse caminho. Descubro os meus avanços e recuos, a obscuridade e a luz, as minhas convicções e as minhas descrenças, as presenças e as ausências de Deus... A ambiguidade da vida, dos acontecimentos, das pessoas... por vezes se traduz na minha própria ambiguidade em relação a Deus. Custa-me superar a vida e a realidade na busca da di-



mensão da transcendência. Em certos momentos, não me é fácil desenvolver o olhar do coração e a leitura da mensagem de Deus. Saber encontrar a Deus em tudo supõe uma espiritualidade de diálogo com o mundo, de muita sensibilidade espiritual, a que ainda não chego.

Por vezes, neste momento da minha vida, tendo a eliminar considerações doutrinárias, tradições e cultos, concepções religiosas... É como se procurasse estar aberto às intempéries, ater-me mais à fé que à religião, a Deus mais que às normas, à pessoa mais que ao culto... Quisera viver uma fé mais personalizada e assumida, em verdadeira experiência de Deus, acima das tradições e doutrinas; porém sinto que isso é arriscado e que às vezes me deixa sem apoios e como sem identidade.

**CONFIEM SEMPRE
EM JAVÉ,
POIS JAVÉ
É UMA ROCHA
PARA SEMPRE.
Is 26,4**

Atualmente descubro o apelo a *essencializar* a vida. Desfruto os momentos de silêncio: estar, ser, acolher... Dar gratuitamente, dar sem esperar. Peço ao Senhor no meu projeto: “Faz do cotidiano da minha vida uma unidade de vida no amor”. Creio que seja um apelo de honrar a vida como forma de honrar a Deus. Significa que devo carregar de sentido o que faço, o que vivo, como resposta ao querer de Deus, que nos dá vida em abundância. Quisera essencializar a vida no amor. Em certos momentos, penso que uma vida dada pelos outros não necessita nem prêmio, nem céu. Esta oração escrevia no meu último projeto: “Faz crescer em mim neste tempo a capacidade de admiração, a profundidade no cotidiano, a criatividade no serviço, o amor à vida, o sorriso ao Irmão, a unificação da vida e do teu Evangelho”.



MARIA É TAMBÉM NOSSA IRMÃ

Um olhar a partir
do documento “Água da Rocha”

Para Irmãos e leigos maristas, Maria é conhecida como educadora de Jesus e Boa Mãe a quem recorremos confiantes. O documento “Água da Rocha” completa e enriquece este inegável traço da nossa espiritualidade com outros igualmente importantes. Ela é denominada de *nossa irmã* e *primeira discípula* de Jesus e portanto, pessoa de referência. “Água da Rocha” sustenta que a forma marista de experimentar a espiritualidade cristã, a partir do testemunho de Marcelino, reside em considerar Maria como nosso modelo de vida. Esta espinha dorsal percorre os quatro capítulos e a conclusão do documento. Seguir Jesus *do jeito de Maria* é um modo privilegiado de viver o cristianismo.



O que diferencia um devocionismo mariano exagerado e estéril, de uma legítima relação com Maria? A centralidade de Jesus e a articulação correta entre a figura bíblica de Maria de Nazaré e a Maria glorificada. Neste sentido, “Água da Rocha” reflete uma espiritualidade cristã legítima e bem equilibrada. Ele parte sempre de Jesus. Recordar que *tornar Jesus conhecido e amado* é o sentido da nossa vocação e a finalidade do Instituto. Daí, a centralidade de Jesus em nossa vida e na missão (AdR19).

A espiritualidade permite aprofundar o nosso relacionamento com Cristo e entregar-nos com confiança ao serviço da vida e da missão, em comunidade (90). Seguindo os passos de Jesus, reconhecemos os anseios do Espírito em nós, convocando-nos a testemu-



nhar a Boa-Nova (124). Como fizeram os apóstolos, centramos apaixonadamente nossa vida em Jesus. Deixamo-nos cativar por Ele e pelo Evangelho. Educamos nosso coração vivendo com Jesus. Aprendemos com Ele os caminhos que conduzem ao Reino e proclamamos sua mensagem e seu jeito de ser e agir, através da presença, da palavra e da ação (135).

Por toda parte, “Água da Rocha” ressalta as características marianas de nossa espiritualidade. Ele afirma literalmente que desde sua fundação, os maristas vêm experienciando um relacionamento cada vez mais importante com Maria, *sua Irmã na Fé* (29). Destacamos aqui alguns traços bíblicos de Maria, apontados pelo documento:

Maria fez um caminho na fé, provou o pó da estrada em seus pés. Na anunciação, não tem todas as certezas. Foi desafiada a confiar e aceitar, sem conhecer todas as respostas (29). Assumiu o compromisso com um Deus que lhe inspirou absoluta confiança (51). Assim também acontece conosco. Como Maria na Anunciação, enfrentamos temores e dúvidas. Não obstante,

**JAVÉ SERÁ
A MINHA FORTALEZA,
DEUS SERÁ A ROCHA
ONDE ME ABRIÇO.
Sl 94,22**

em cada instante da busca, Deus permanece fiel e presente, convidando-nos, insistentemente, a ver nossas vidas, através de Seus olhos (61).

Maria acolhe a Palavra de Deus, com um sim generoso (53,68), renovado a cada dia. Na sua condição de aprendiz, faz um exercício atento para compreender o sentido dos fatos. E assim como Maria, que guardava aqueles acontecimentos em seu coração, prestamos atenção contínua aos sinais dos tempos, aos apelos da Igreja e às necessidades da juventude (75).

Confirmada em sua vocação, Maria sente-se impelida a deixar sua casa e a servir a Isabel. Discípula sensível e apaixonada, ela foi depressa anunciar a notícia de um Deus amoroso. Preconizou desse modo o sentido de nosso apostolado: ir ao encontro das pessoas, lá onde elas estão (5, 76,77,131,133).

O cântico de Maria, o Magnificat, sinaliza vários traços de uma espiritualidade contemporânea: acolher com alegria os dons maravilhosos que Deus nos concede (61,88), sonhar e se comprometer com uma sociedade justa, solidária e sustentável (122), anunciar aos jovens a fidelidade, a justiça e a misericórdia do Senhor (27) e exercer o amor preferencial pelos mais pobres (151,156).



SUA MÃE ERA
COMO PARREIRA PLANTADA
À BEIRA D'ÁGUA.
PRODUZIA BASTANTE
E FICAVA FRONDOSA, PORQUE
HAVIA BOA UMIDADE.
Ez 19,10

Nas Bodas de Caná, Maria é sensível às necessidades das pessoas e, discretamente, interfere para que a situação fosse resolvida. Ela nos encoraja a exercer a autoridade como serviço à comunidade e nos faz entender que nossas ações podem provocar o crescimento das pessoas na fé (113).

“Água da Rocha” destaca também de maneira justa, o papel de Maria como *Boa Mãe*, que junto a Jesus intercede pelos cristãos. A exemplo de Champagnat e dos primeiros Irmãos, os maristas de hoje nutrem uma relação amorosa e filial com ela (4,7,25). Crêem que a missão do Instituto é parte da missão de Maria: dar à luz o Cristo e estar com a Igreja, em seu nascimento (11). Confiam que ela continuará a orientar o desenvolvimento da identidade e da obra Marista (12). Essa relação com Maria possibilita ainda a criação de uma comunidade de irmãos e irmãs de igual dignidade e inspira a construção de uma “Igreja comunidade”, com traços maternos (10,31,98,114).

Nesta perspectiva, que integra os múltiplos aspectos de Maria discípula, irmã, educadora e mãe, “Água da Rocha” termina com uma bela oração (156).

O enfoque dado a Maria no documento “Água da Rocha” combina aspectos tradicionais com uma visão atual, plural e ecumênica sobre a mãe de Jesus. Redescobre a imagem de Maria de Nazaré como a peregrina na fé, uma pessoa humana próxima a nós. Articula a figura bíblica com a devocional. Tudo isso tem enorme valor para a espiritualidade marista contemporânea, em diálogo com o mundo moderno.



A Espiritualidade Marista

QUE BROTA DA TRADIÇÃO DE MARCELINO



“**A** espiritualidade **que herdamos de Marcelino Champagnat tem um caráter mariano e apostólico**” (C 7). Em nossas constituições fica muito claro e definido que a espiritualidade marista emana do próprio Fundador.

Deus valeu-se da experiência de Marcelino Champagnat para enriquecer a Igreja com um estilo peculiar de viver a espiritualidade, assimilada pelos primeiros irmãos, e que chegou até nossos dias, através de tantos homens e mulheres que a encarnaram na própria vida. Essa espiritualidade também foi progressivamente elaborada e aprofundada mediante escritos, sobretudo as Circulares de nossos superiores e os documentos capitulares.

É nesta corrente que devemos situar o documento “Água da Rocha” que, como sabemos, nasce de um mandato do XX Capítulo geral ao Conselho geral: o documento “*tenha em conta as características principais de nossa espiritualidade – o aspecto mariano e apostólico*”¹. O documento se propõe ajudar a sistematizar e a aprofundar, em linguagem de hoje e para hoje, a espiritualidade marista. A Comissão internacional assume este desafio.

Ao próprio título, muito sugestivo e muito relacionado com os elementos de nossa tradição, acrescenta o subtítulo: “*Espiritualidade Marista que brota da tradição de Marcelino Champagnat*” ou, segundo outra tradução, “*Espiritualidade Marista fluindo da tradição de Marcelino Champagnat*”. Assim, desde o início está claro que a proposta se inspira em Champagnat, ideia que o Ir. Seán reforça, na apresentação: “*Essa espiritualidade nascia da própria experiência de Marcelino de sentir-se amado por Jesus e chamado por Maria*”,² e a Comissão internacional o confirma ao escrever: “*Marcelino foi agraciado com um relacionamento profundo com Jesus e Maria*”.³

Todos BEBERAM
A MESMA BEBIDA
ESPIRITUAL,
pois BEBIAM
DE UMA ROCHA
ESPIRITUAL QUE
OS ACOMPANHAVA;
E ESSA ROCHA
ERA CRISTO.
1 COR 10,4

¹ XX C. G. “Escolhamos a vida” 48.1

² Água da Rocha, pág. 9

³ Água da Rocha, pág. 15

EU SOU
O ALFA E O ÔMEGA,
O PRINCÍPIO E O FIM.
PARA QUEM TIVER SEDE,
EU DAREI DE GRAÇA
DA FONTE
DE ÁGUA VIVA.
Ap 21,6

⁴ Água da Rocha, 6

⁵ Água da Rocha, 12

⁶ Água da Rocha, 15

⁷ Cf Água da Rocha, 9, 10

⁸ Vida, 2ª parte,
capítulo VI,
pág. 341

⁹ Água da Rocha, pág. 15

Marcelino e sua experiência de Deus convertem-se no fio condutor do documento, como vem lembrado mais de 190 vezes. Entretanto, além da citação explícita, percebemos como se tenta perfilar a íntima conexão da vivência do Fundador com a proposta de uma espiritualidade marista para hoje.

A ideia está bem explícita, especialmente no primeiro capítulo. Vejamos alguns exemplos: *“O jeito como o grupo vivia o Evangelho refletia o caráter, os valores e a espiritualidade de seu líder, Marcelino Champagnat”*.⁴ *“A espiritualidade marista, nascida com Marcelino e sua comunidade fundadora, se enriqueceu ao longo das sucessivas gerações de seguidores tornando-se, hoje, fonte de água viva para o mundo”*.⁵ *“Inspiramo-nos na visão e na vida de Marcelino e seus primeiros discípulos, nesta jornada que nos conduz a Deus”*.⁶

Um traço interessante, que o documento “Água da Rocha” preserva com acerto, é o fato de que Marcelino Champagnat não é um ser isolado e situa-o no contexto fundacional, a realidade de seu tempo e dentro do projeto da sociedade de Maria.⁷ Isso sim, com sua especificidade e sempre em relação com a *comunidade fundadora*,... Marcelino e os primeiros irmãos são aqueles que encarnam e transmitem a espiritualidade marista, que se plasma com as características recolhidas nos números 15 a 41 do documento. Esses “rios de água viva que brotam” do coração do crente marista são as características de como os Maristas de hoje seguem Champagnat e seus primeiros irmãos.

A experiência de fé, a vivência da fraternidade e a projeção na missão (cap. 2, 3 e 4) concretizam o rosto da espiritualidade marista com elementos intimamente relacionados com Champagnat: O ícone da Anunciação - com a referência à peregrinação na fé - une-nos a Maria, a inspiradora de Marcelino na vivência de seu próprio caminho de fé.

A centralidade da fraternidade vivida por Champagnat e pelos primeiros irmãos - com a referência à mesa de La Valla - permanece registrada no Testamento espiritual, citando as palavras de Jesus sobre o mandamento novo (Jo 13, 34-35). A especificidade da missão marista, definida pelo próprio Marcelino como: *“tornar Jesus Cristo conhecido e amado”*.⁸

Tudo isso nos permite afirmar que, efetivamente, o documento “Água da Rocha” encontra em Marcelino Champagnat e seus primeiros irmãos a fonte de sua inspiração direta, na hora de tentar plasmar os traços da espiritualidade marista.

Com a Comissão internacional podemos afirmar: *“Vivemos a espiritualidade cristã de um modo marial e apostólico próprio. É uma espiritualidade encarnada, inspirada em Marcelino. Ela foi desenvolvida pelos primeiros Irmãos, que a transmitiram a nós, qual herança preciosa.”*⁹



NOSSOS SANTOS E A ESPIRITUALIDADE MARISTA



Desde junho de 2007, quando apareceu o livro « Água da Rocha », no qual tentamos colocar por escrito os grandes traços da espiritualidade marista com os seus matizes, seguidamente se me apresentou a ideia de aproximar este livro da vida dos nossos santos.

Nesse universo da espiritualidade, podemos falar de dois polos.

Constituem o primeiro polo o Pe. Champagnat e o grupo dos primeiros Irmãos em La Valla e em l'Hermitage. Era o momento em que a nossa espiritualidade germinava e se moldava lentamente, tomando cada vez mais os traços que iam caracterizá-la. Este polo é, a um só tempo, espelho e fonte. Espelho, porque os Irmãos das gerações seguintes sempre olharão tais começos para averiguar a sua identidade. Fonte, porque Marcelino e os primeiros Irmãos não constituem somente o passado, mas igualmente influenciam o coração e o pensamento na vida e na oração dos Irmãos e dos leigos maristas de hoje. Eles estão no coração como presença e força dinâmica, como salutar desafio para que seja guardada a qualidade da identidade marista. Isso é fortemente sentido, quando peregrinamos a l'Hermitage: damos conta muito bem de que estamos no manancial, de que o Pe. Champagnat habita estes lugares, de que o cemitério, no fim do jardim, abriga nosso começo. A capela nos atrai e nós ajoelhamos ante o relicário que contém os restos de Marcelino e rezamos no túmulo do Irmão Francisco. É com este Irmão que l'Hermitage se tornou mais conscientemente « santuário marista ». O Irmão Francisco dizia :

« Toda a casa de Nossa Senhora de l'Hermitage pode ser considerada como o grande *relicário* do venerado Pe. Champagnat. Foi ele que a construiu. Ele a habitou por dezesseis anos. Tudo nela fala de Marcelino, porque ele punha a mão em tudo, orientando tudo ». O Irmão Francisco queria que este lugar permanecesse santo: « Quero que l'Hermitage permaneça puro e santo... A minha intenção é que, se os

PEQUE A VARA,
JUNTO COM
SEU IRMÃO AARÃO,
E REÚNA A COMUNIDADE.
EM SEGUIDA,
NA PRESENÇA DELES,
ORDENE QUE A ROCHA
DÊ ÁGUA.
VOCÊ TIRARÁ
ÁGUA DA ROCHA
PARA DAR DE BEBER
À COMUNIDADE
E AOS ANIMAIS.
Nm 20, 8

Ir. GIOVANNI M. BIGOTTO

*Nossos santos
e a espiritualidade
marista*

Irmãos vierem a se afastar da perfeição, este lugar seja sempre bendito e subsista como o espelho e o modelo de toda a ordem, como uma sorte de candelabro diante do trono de Deus e diante do altar da bem-aventurada Virgem Maria. Meus filhos, nunca abandoneis este lugar, porque ele é santo ; é a morada de Jesus Cristo e da Virgem Maria, sua mãe. Foi aqui que o Senhor nos multiplicou, quando éramos tão poucos; eis por que deveis ter grande veneração por este lugar. Aqui, quem rezar devotamente vai obter o que pede».

Basilio permanece neste sulco, quando relança l'Hermitage como santuário e lugar de pesquisa da nossa identidade. Seán e o seu Conselho persistem neste sulco, quando decidem renovar toda a casa de l'Hermitage.

Todo o Marista que vai a l'Hermitage se refaz e rejuvenesce na alma, em comunhão com o entusiasmo daqueles começos. É como se, nesses primeiros anos da nossa aventura, o Espírito estivesse ainda mais operoso, justamente para criar na Igreja uma identidade e uma espiritualidade novas. Revivemos o mesmo ambiente dos primeiros capítulos dos Atos dos Apóstolos: novidade, frescor e força da fonte. Desses primórdios cumpre-nos valorizar mais e melhor integrar em nós o essencial das biografias dos primeiros Irmãos. Neles também reconhecemos a novidade das origens da nossa espiritualidade.

O outro polo é precisamente o livro 'Água da Rocha'. A vida dos primórdios e dos anos que se seguiram, ao longo de diversas gerações, consolidou-se por escrito: nas Constituições, em primeiro lugar, culminando em 'Água da Rocha'. Mas esse texto é ainda fidelidade a Marcelino e aos primeiros Irmãos. Colocamos nossa espiritualidade em plena luz, para que possa desprender-se dos condicionamentos de uma vida trepidante e confusa, e revele-nos com clareza a alma marista. Por sua vez, este livro se torna espelho e fonte. Espelho, porque posso encontrar a minha identidade na sua riqueza, e dizer depois como São Pedro : « Saberei dar a razão do meu estilo de vida ». É fonte, porque lendo e meditando 'Água da Rocha', o Irmão, o leigo marista, as comunidades, as Províncias podem renovar-se; podem abeberar-se nas fontes espirituais que o Espírito abriu nas origens da nossa família.

Desse modo, os dois polos interativamente se assemelham e se vivificam.



Ainda assim, entre esses dois polos há a vida dos Irmãos e dos leigos, vida animada pela espiritualidade. Esta não é estática, acompanha e dinamiza cada geração de Irmãos, e cada Irmão e Leigo marista. Podemos até mesmo dizer que a Espiritualidade marista já não está sobretudo em l'Hermitage nem, menos ainda, no livro 'Água da Rocha'. Ela está primordialmente na vida, no trabalho e nas orações dos Irmãos, das comunidades e das Províncias. O rio que corre da fonte é muito maior do que a fonte. A espiritualidade que anima as nossas orações, as nossas refeições, a acolhida dos alunos, dos pais, dos amigos, como o apostolado em geral, é mais rica, densa e matizada que qualquer livro que tente descrevê-la. Como realidade íntima, a espiritualidade nos dá um rosto, mesmo nas atividades mais profanas. l'Hermitage e 'Água da Rocha' não têm sentido, se os Irmãos não vivem a sua espiritualidade; não tem nenhum sentido, a menos que eles tenham, *intus et in cute*, por dentro e na pele, o ADN de Marcelino e dos primeiros Irmãos. Por um lado a assimilação do ADN marista se faz *quase por si só*, nas casas de formação e pelo fato da vida comunitária: uma geração transmite à outra os valores maristas. Quando se releem as biografias dos Irmãos da terceira e da quarta geração, digamos de 1890 a 1900, reencontram-se integrados e reforçados os traços da nossa espiritualidade, o que se repete nos Irmãos que lhes sucederam. Além disso, em cada um de nós o Espírito vai dar a esta espiritualidade um rosto personalizado, de coloração peculiar, com dinamismo diferente para cada Irmão e cada leigo. Como se diz, e é verdade também na nossa família marista, « Deus só sabe contar até um ».

Assim, entre os dois polos da espiritualidade marista, *a fonte e o livro*, há esta espiritualidade vivida nos seus pontos fortes como nos seus matizes. Caso olhemos esses Irmãos que chamamos particularmente os nossos modelos, como Francisco, Alfano, Basílio, ou os nossos már-



tires, como Lycarion, Bernardo, Laurentino... e Chris Mannion, Servando, Joche Albert..., fica fácil mostrar como a nossa espiritualidade os dinamizou e como neles desabrochou para o bem de muitos e, principalmente, de nossa família religiosa.

**PORTANTO,
QUEM OUVESSE
MINHAS PALAVRAS
E AS PÕE EM PRÁTICA,
É COMO
O HOMEM PRUDENTE
QUE CONSTRUÍU
SUA CASA SOBRE
A ROCHA.
Mt 7,24**

Muitos Irmãos encarnaram, de maneira maravilhosa, o estilo e a espiritualidade marista. Cada Província guarda uma memória de veneração de certos Irmãos em quem nos reconhecemos mais realizados, por causa da sua intimidade com Deus e do dinamismo que dela derivou. Ainda assim, aqueles cuja causa abrimos oferecem a vantagem de que a sua vida foi considerada mais de perto e nos seus detalhes, esclarecida por muitas testemunhas, o que terminou em livros, de modo que ficou mais fácil depararmos com uma boa imagem daquilo que chamamos *Irmão Marista*. Podemos verificá-lo olhando os pilares da nossa espiritualidade: Jesus, Maria, Marcelino, as virtudes peculiarmente maristas etc. Vamos ficar surpresos com o fato de que muitos deles se anteciparam em formular, antes de nós, a espiritualidade, por vezes dizendo, palavra por palavra, aquilo que 'Água da Rocha' nos apresenta com clareza.

QUAL É O ASPECTO MAIS IMPORTANTE DA COMO APARECE EXPRESSO, NO LIVRO

Entre todos os aspectos da Espiritualidade Marista, escolhemos o “espírito de família” como o mais importante, porque essa tem sido nossa vocação, formar uma família e, de algum modo, esse aspecto concentra outros como a simplicidade, a humildade...
No capítulo “Como irmãos e irmãs”, de “Água da Rocha”, vemos refletidos, de modo claro e simples, os aspectos que procuramos viver, tanto em nossa pequena comunidade familiar como em nossas relações fraternas,

dentro da família marista e, como cristãos, com todo o mundo.
“Ao oferecermos e recebermos amor, somos desafiados a combater a tendência ao individualismo, ao egoísmo e à mesquinhez. Isso exige o desenvolvimento do espírito de família. Precisamos estar abertos aos outros: atentos às suas necessidades, dispostos a escutar e a colocar o nosso tempo à sua disposição.” (108)



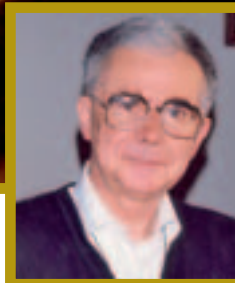
JOSÉ IGNACIO E MAYTE
IBÉRICA

O aspecto mais importante da Espiritualidade marista, em minha vida, é o modo como ela me ajuda a contemplar do jeito de Maria. A comunidade marista assegura um lugar ideal para tal contemplação. Ela reúne irmãos que têm aspirações semelhantes e são dotados de profunda compaixão, assim como, conjuntamente, vamos ao nosso apostolado cotidiano de evangelização. Por isso é compreensível que “Água da Rocha” descreva a comunidade marista como um ‘espaço sagrado’ (141) onde podemos viver eucaristicamente, ou como o pão, sejamos ‘reunidos, abençoados, partilhados e entregues’ (86).



IR. JOHN McMAHON
MELBOURNE

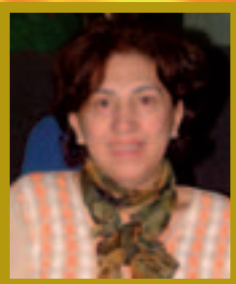
ESPIRITUALIDADE MARISTA EM SUA VIDA? “ÁGUA DA ROCHA”?



Na espiritualidade marista, o aspecto mais importante, para mim, é a presença da pessoa ou da personalidade de Champagnat. Seu

DINAMISMO é tangível em todos os Documentos que se propõem ensinar sobre nossa identidade. A espiritualidade marista faz-me viver as atitudes de abertura, de franqueza, de firmeza, de coragem, de simplicidade, de humildade, de zelo, de constância e de igualdade de humor,... na sua imitação. Alegro-me também com a maioria das Circulares de nossos últimos Superiores gerais que, em seus escritos, atualizam o Fundador: homem simples, reto, atencioso, audacioso, confiante na Providência e em Maria, amando, sobretudo, seus pequenos irmãos. Desde 1985, amo imensamente nossas Constituições, em que se encontram maravilhosos traços de nossa espiritualidade... mas, com Estatutos inúteis e ultrapassados. Assim, depois que o documento “Água da Rocha” nos chegou, constato que este tem minha preferência porque me sinto fortemente tocado e interpelado pelo que é dito de Champagnat, de Maria, da comunidade e de sua atividade apostólica, dos Leigos maristas e de nossos sonhos.

IR. EDWARD BLONDEEL
EUROPE CENTRE-OUEST



Dois aspectos da Espiritualidade Marista são fundamentais na minha vida: a presença de Maria e a dimensão comunitária. Em *Água da Rocha*, com palavras claras e profundas,

foi possível ter melhor entendimento do significado dessas dimensões e das consequências para a vida de quem quer assumir a Espiritualidade Marista como forma de viver o próprio batismo. Champagnat quer que

formemos comunidades de missão e ali vivamos como irmãos, tendo Maria como “recurso habitual”. Nesse sentido, *Água da Rocha* vai nos impregnando do sentido da Espiritualidade Mariana e Apostólica de Marcelino, impulsionando um novo agir.

ADALGISA OLIVEIRA GONÇALVES
BRASIL CENTRO-SUL



MEU ENCONTRO COM “ÁGUA DA ROCHA”

DE DEUS DEPENDE
A MINHA SALVAÇÃO
E MINHA FAMA,
DEUS É
O MEU FORTE
ROCHEDO.
DEUS É O MEU
REFÚGIO.
SAL 62,8

Desejo partilhar sobre o que mais gostei do meu encontro com “Água da Rocha” ou, se preferirem, as pequenas pérolas que descobri.

- Essa releitura da vida de Champagnat agradou-me em cheio, bem como sua relação particular com a Mãe do Senhor (1ª Parte); distingui, sem dificuldades, as cores fundamentais de nossa espiritualidade. A Comissão conseguiu conferir boa coerência ao documento, sem cair em historietas. Depois da primeira parte, o documento nos oferece esses aspectos tão bem ressaltados. (Por ex., os nº51 e 52)
- «Jesus é para nós o rosto humano de Deus» (nº20). Esta conclusão colhida em Col. 1,15 pode ser uma pista importante, se quisermos aprofundar nossa pesquisa e, por que não, purificar também nossos lugares de culto.



- Foi retomado, judiciosamente, o documento do XIX Capítulo geral e aplicado, de forma oportuna, ao presente (nº. 64, 73-76).
- O nº27 diz de Maria e de nós mesmos: «Vamos, sem hesitação, ao encontro dos jovens – na região montanhosa – lá onde eles se encontram, anunciando-lhes a justiça e a misericordiosa fidelidade de Deus. Relacionando-nos de modo marial com os jovens, tornamo-nos o rosto de Maria para eles ». Muito bem dito! E mais, é acertado pensar que os jovens estão em ‘região montanhosa’ e que devemos ir rapidamente a seu encontro! Tenho vontade de engajar-me realmente. E o nº29 nos apresenta Maria como “primeira Discípula”. “Nossa irmã na fé: uma mulher que se perturbou e ficou confusa diante



de Deus, desafiada a confiar e a aceitar sem conhecer todas as respostas, e cuja vida de fé se fez com o pó da estrada em seus pés.” Com essas poucas linhas, não encontramos, em sua pessoa, os traços essenciais da espiritualidade apostólica marista?

- Creio que uma de minhas pérolas preferidas se encontra nos números 78 e 79. Dizem-nos quais eram os diversos meios que os Irmãos utilizavam para alimentar a vida espiritual, ao longo de sua história. E isso dá credibilidade e legitimidade congregacional a certos meios essenciais nos quais os Irmãos de hoje buscamos vida. Esses números funcionam como um eixo de transmissão que faz a passagem do ‘ontem’ para a novidade do ‘hoje’.
- Há símbolos familiares em nossa tradição. Em minha opinião, foi muito acertado recolocar a “mesa de La Valla” (nº91, 92), “a casa de l’Hermitage” (nº17, 100, 101), os termos “irmão, irmã” (nº31, 119-121, 138, 139) na releitura de nossa espiritualidade. Sabemos que os símbolos são polissêmicos e que nenhuma autoridade pode discipliná-los. Quando

tocam o mais profundo de nosso ser, eles nos fazem experimentar vivências novas e por isso nos preparam para as intervenções inesperadas do Espírito.

- «*A espiritualidade marista sendo apostólica, deve ser vivida em missão*» (nº 124). Gosto dessa expressão muito conhecida, bem como do sentido ao qual ela engaja (nº124-129), em linguagem precisa e com comentários apropriados para ajudar-nos a reencontrar nossa originalidade nessa matéria.

- E, finalmente, considero que as perguntas colocadas no fim do documento, para orientar o diálogo e a reflexão em grupos, são muito próprias para valorizar a experiência de cada um; elas são realistas e creio que enriquecerão muito a partilha.

**EU GARANTO A VOCÊS:
QUEM DER PARA VOCÊS
UM COPO DE ÁGUA
PORQUE VOCÊS
SÃO DE CRISTO,
NÃO FICARÁ SEM RECEBER
SUA RECOMPENSA.
Mc 9,41**

Para ser honesto, também gostaria de indicar, modestamente, os pontos em que o documento me parece ter ficado a esperar futuras pesquisas sobre essa Rocha abençoada. Ao dizer isso, dou-me conta de que essa é uma tarefa conjunta, que concerne a todos os que se consideram Maristas de coração.

- Nossa EAM contempla muito pouco o Jesus histórico e sua prática! De Maria e de Champagnat muito é dito: mas, e de Jesus?... Ele aparece num parágrafo pequenino (nº20) e a reflexão deriva rapidamente para outros temas. Sinto que, sobre este ponto, o documento reflete nossa realidade e uma sensibilidade predominante. Achemo-nos talvez pouco à vontade com Jesus Cristo em nossa cultura orante, a não ser junto ao Presépio e à Cruz. Em nossas escolas, encontramos ardentes devotos da Boa Mãe e de Marcelino, mas... apaixonados por Jesus Cristo? O que significará isso?
- O que me pareceu menos inspirado e menos motivador é o final do texto, « Sonhamos novos sonhos ». É como se, ao imaginar "os nossos sonhos", a fonte dos autores do documento houvesse secado. Tudo é expresso em apenas um número (155), composto de uma introdução e três parágrafos. A ideia repetida dá a entender que o sonho seria "de ir ao encontro" (dos pobres, dos jovens, do diálogo intercultural e inter-religioso). Parece mais um horizonte



da missão, que uma referência à espiritualidade. E no último parágrafo não se compreende bem a ligação entre o que se diz de Marcelino e aquilo "em que nos comprometemos ativamente". Naturalmente, esta leitura me interpelou e levou-me a imaginar meus próprios "sonhos".

Conclusão

Considero que devemos alegrar-nos por ter o Instituto Marista publicado este documento, sinal de nossa maturidade. Devemos nossa sincera gratidão àqueles que, por seu trabalho, nos dão este presente que será, sem dúvida, como desejaram, "um companheiro ao longo da nossa caminhada espiritual" e, esperemos, "um instrumento de reflexão e de trabalho", um "caminho que nos conduz às Fontes de Água Viva" (Introdução).

Extrato do artigo:
"O que encontrei
no documento
'Água da rocha?'"
em *Maristas Cruz del Sur*
n. 9 julho 2008,
p. 60-64

A ESPIRITUALIDADE MARISTA EM MINHA VIDA CRISTÃ



Comecei a trabalhar como educadora, há treze anos. Tinha ouvido falar do “Colégio Marista”, mas não dos Maristas e muito menos de seu fundador. Lembro que nos primeiros dias de aula, eu me perguntava: quem será esse senhor da imagem que encontro em todas as salas de aula? Com o tempo e com a ajuda dos meus colegas e dos Irmãos, fui descobrindo o carisma de São Marcelino Champagnat e a Espiritualidade marista.

Olhando um pouco para trás, posso dizer, sem receio de enganar-me, que minha vida cristã foi marcada por um antes e um depois do ser-marista. À medida que os anos passam, vou entendendo melhor que a Espiritualidade marista, inspirada na tradição de São Marcelino, moldou meu estilo de vida e meu modo de relacionar-me com os demais.

A paixão por Deus e a compaixão pelos demais e outros traços distintivos, em que se baseia a Espiritualidade marista, ajudaram-me a descobrir ainda mais a presença de Deus nas pessoas e nos acontecimentos da vida. Aprendi a confiar mais Nele, em sua providência e em sua misericórdia; a sentir-me mais amada por Deus, a entender que Ele nos convida a servir, e aceita precisar de nós como instrumentos na construção de seu Reino. Ele nos convida, não apenas a saciar-nos nos rios de Água viva, mas, a converter-nos em rios de Água viva para os outros. Ele deseja que sejamos mais sensíveis ante a necessidade dos outros, que evangelizemos, não apenas com palavras, mas com ações e que caminhemos uns com os outros na fé.

EIS QUE ESTAREI
ALI DIANTE DE TI
SOBRE A ROCHA
EM HOREB;
FERIRÁS A ROCHA,
E DELA SAIRÁ ÁGUA,
E O POVO BEBERÁ.
MOISÉS ASSIM O FEZ
NA PRESENÇA
DOS ANCIÃOS DE ISRAEL.
Ex 17, 6





A Espiritualidade marista ajudou-me, além disso, a aproximar-me, a amar e admirar mais Maria, primeira discípula de Cristo, como exemplo a seguir. Ajudou-me também a rezar, não apenas por mim, mas pelos outros; a ler a Palavra de Deus com mais regularidade; a compreender que Ele atua em nossas vidas, de maneira inexplicável, e que tudo o que faz é perfeito, porque seu amor é infinito.

Que o Senhor, rico em bondade, nos abençoe copiosamente,

nos conceda o dom de converter-nos em rios de água viva para os outros e, portanto, em multiplicadores da obra de nosso santo fundador, Marcelino Champagnat.

É SEMELHANTE
A UM HOMEM QUE
CONSTRUIU UMA CASA:
CAVOU FUNDO
E COLOCOU O ALICERCE
SOBRE A ROCHA.
VEIO A ENCHENTE,
A ENXURRADA BATEU
CONTRA A CASA,
MAS NÃO CONSEGUIU
DERRUBÁ-LA,
PORQUE ESTAVA
BEM CONSTRUÍDA.

Lc 6,48

COMO JOVENS IRMÃOS, NO INÍCIO DE SUA CAMINHADA MARISTA

Que inspiração encontram em “Água da Rocha”
para o seu compromisso de vida?

O livro “Água da Rocha” para nós é uma bela obra de reflexão, que nos introduz no coração da espiritualidade marista e nos apaixona no compromisso de “tornar Jesus conhecido e amado”, nas pegadas de Maria. Mostra-nos muito bem como Marcelino Champagnat e os primeiros Irmãos viveram com simplicidade sua relação com Deus e a relação entre si. Por isso, o livro nos encoraja a sermos Irmãos de coração aberto, dinâmicos em nossa missão apostólica e entusiasmados por nossa espiritualidade.



Convidando-nos a superar as fronteiras religiosas e culturais, recorda-nos que devemos procurar para todos a mesma dignidade, no que concerne direitos humanos, justiça e paz.

De pé da esquerda para a direita: Robert Ek (Papua-Nova Guiné - PNG), Oscar Irebake (PNG), Blaise Jai (PNG), Valentin Samsam (Vanuatu), Ir. Dennis Cooper, Ir. Herman Boyek, Ezrah Kapin (PNG), Borerei Katarake (Kiribati), Ir. Bernard McGrath
Na frente: Desmond Sawai (PNG), Amberoti Nantei (Kiribati) Renaud Tsione (Vanuatu), Bonaventure Tolack (Vanuatu), Charles Tavore (PNG), Ueanimatang Kimaere (Kiribati)
Ausente: Ir. Bertrand Webster

A seção sobre o ‘*espírito de família*’ como estilo de vida dos nossos primeiros Irmãos, “unidos de coração e alma”, inspira-nos no compromisso da formação e discernimento como Irmãos que vivem em comunidade. O livro nos encoraja a procurar a ajuda dos nossos Irmãos para aprofundar o conhecimento de nós mesmos, na oração diária, no estudo e no trabalho. Parece dirigido a cada um pessoalmente.

SEJA BENDITO JAVÉ,
O MEU ROCHEDO,
QUE ADESTRA MINHAS MÃOS
PARA A BATALHA E MEUS
DEDOS PARA A GUERRA.
SAL 144,1



A parte que mais nos apaixonou é o capítulo quarto: “Anunciamos a Boa-Nova aos pobres”. Aí percebemos o que significa ser ‘irmão dos outros’. Sabemos que esta tarefa não é fácil, mas esforçamo-nos para vivenciá-la.

O livro contém um bom número de detalhes para jovens como nós que estamos ingressando na vida marista. Estamos aplicando essas reflexões na nossa oração a Maria e a Champagnat. A obra constitui precioso recurso para aprofundar e compreender a tradição marista, pelo que nos auxilia no discernimento de nossa vocação de Irmão.



QUEM DER AINDA
QUE SEJA APENAS UM COPO
DE ÁGUA FRIA
A UM DESSES PEQUENINOS,
POR SER MEU DISCÍPULO,
EU GARANTO A VOCÊS:
NÃO PERDERÁ
A SUA RECOMPENSA.
Mt 10,42

As ilustrações do livro apresentam-nos diversas experiências humanas; por exemplo, há pessoas alegres e sorridentes, ao passo que outras estão tristes e preocupadas. Essa variedade de rostos leva-nos a refletir sobre nossas próprias experiências passadas, recordando momentos felizes ou sofridos.

UMA HISTÓRIA SIMPLES



Equipe de Espiritualidade, Sydney:
(da esquerda para a direita)
Tony Clarke, Ir. Robert O'Connor,
Ir. Graham Neist, Carole Wark,
Ir. Michael Flanagan e Michael Callinan.

A história de nossa espiritualidade é realmente muito simples. É a história de mulheres e homens sedentos, que descobriram que apenas Deus pode saciá-los. Depois de beber profundamente, eles se descobriram ligados ao próprio desejo de Jesus, que é o de dar realidade à Boa Nova de Deus. Movidos pelo Espírito, estimulados pelo próprio Deus a trazermos a vida ao mundo, nós nos tomamos correntes de água viva.

Água da rocha, 43

Existe uma rocha que se encontra bem no coração da Austrália. Ela é muito grande e única, de forte cor vermelha – como um coração deveria ser. Ela é sagrada para os povos indígenas australianos e uma santa graça para todos aqueles que se sentem tocados pelo espírito de nossa terra. Ela é chamada de 'Uluru'. Em momentos realmente especiais, quando a chuva chega ao deserto, nós recebemos a "água da rocha" e o deserto se transforma, tornando-se cheio de vida.

A HISTÓRIA DE NOSSA ESPIRITUALIDADE É REALMENTE MUITO SIMPLES

É diante de tal beleza, simples e misteriosa, que este texto de espiritualidade marista começa a se conectar com os muitos maristas, tanto leigos como irmãos. Na beleza de sua apresentação, na riqueza de imagens maravilhosas, na linguagem acessível e o espírito do seu significado para a vida marista, muitos maristas se sentem conduzidos a uma profunda apreciação e celebração de sua vida e de sua vocação.

ELE SERÁ COMO
A ÁRVORE PLANTADA
À BEIRA D'ÁGUA
E QUE SOLTA RAÍZES
EM DIREÇÃO AO RIO.
NÃO TEME
QUANDO VEM O CALOR,
E SUAS FOLHAS ESTÃO
SEMPRE VERDES;
NO ANO DA SECA,
NÃO SE PERTURBA,
E NÃO PÁRA
DE DAR FRUTOS.

Jr 17, 8

É A HISTÓRIA DE MULHERES E HOMENS SEDENTOS, QUE DESCOBRIRAM QUE APENAS DEUS PODE SACIÁ-LOS

Muitos analistas sociais indicam que estamos vivendo em tempos onde existe uma grande fome e sede de espiritualidade e de significado.

Consideramos que esta é uma verdade para muitos daqueles que realizam um apostolado em nossa província. Consideramos que as pessoas estão muito interessadas em ouvir e a entender a nossa espiritualidade, tal como ela é exposta em *Água da rocha*. A maioria acha que é fácil ter acesso à espiritualidade através da janela da vida pessoal (2º capítulo), construindo comunidade (3º capítulo) ou vivificando a missão (4º capítulo).

FENDEU A ROCHA
E BROTARAM ÁGUAS,
CORRENDO
NO DESERTO COMO
UM RÍO.
SAL 105,41

Numerosos irmãos e leigos maristas comentaram que o texto “conta a sua própria história” ou “fala de sua experiência”. Muitos afirmam que ele “capta muito bem o que estou sentindo”, ou que sua “experiência vivida na caminhada de fé está refletida nessas páginas”.

Através de retiros, programas de meia jornada ou do dia todo, os irmãos e leigos se empenharam em refletir, em dialogar, em rezar, ou organizando celebrações litúrgicas baseadas em *Água da rocha*. Ficamos muito tempo concentrados em olhar o texto como um todo, mas no futuro poderíamos focalizar um determinado capítulo a cada ano, além de procurar desenvolver alguns programas tentando integrar os textos de *Água da rocha* e de *Missão Educativa Marista – Um projeto para o nosso tempo*. Muitos daqueles que participam de nossos programas mencionaram o quanto consideram que a espiritualidade de *Água da rocha* esclarece e enriquece a visão e a prática daquilo que é exposto em *Missão Educativa Marista – Um projeto para o nosso tempo*.

Depois de beber profundamente

As pessoas utilizaram o livro *Água da rocha* de diferentes maneiras. Mencionamos essas formas nos programas de formação. Ao lado disso, muitas comunidades maristas e funcionários se utilizaram dele em comunidades de oração e de reflexão. Algumas pessoas o utilizaram individualmente para seus retiros e oração pessoal, e equipes e comissões o empregaram para uma revisão de seus compromissos e ações. Algumas seções de *Água da rocha* foram aproveitadas nas orações de funcionários, ou em reflexões e orações com os estudantes e suas lideranças.





Consideramos que o texto convida as pessoas a meditar sobre sua própria vida e a identificar a ação de Deus nela. A teologia é muito prática e encorajadora, começando com o coração e conduzindo-se à reflexão sobre a vocação, à maneira de Maria. Refletindo e meditando sobre o relacionamento de Deus com Maria e Marcelino, as pessoas encontram os elementos e a inspiração para suas próprias vidas de fé.

Freqüentemente as pessoas falam que foram alimentadas pelo texto, e que elas encontraram, a cada dia, um encorajamento e um desafio. Elas consideram que o texto está enraizado na realidade de suas vidas e enfatizam muitas vezes que representa uma base para “encarnar” a espiritualidade marista.

Acreditamos que tudo isso esteja muito presente no texto, e que continuaremos a utilizar *Água da rocha* ainda por muitos anos no futuro, tanto quanto pudermos imaginar caminhos criativos para ligar o texto com as vidas das pessoas.

ELES SE DESCOBRIRAM LIÇADOS AO PRÓPRIO DESEJO DE JESUS, QUE É O DE DAR REALIDADE À BOA NOVA DE DEUS

Ao mesmo tempo em que a palavra “apostólica” não foi muito enfatizada no título, um aspecto realmente interessante ao trabalhar o texto com as pessoas é ver como o desejo de serem apóstolos se desenvolve nos maristas atualmente. Isto poderia ser mal interpretado se, infelizmente, o texto de *Água da rocha* permanecesse simplesmente no âmbito de belos pensamentos espirituais. Mas, o verdadeiro apelo da espiritualidade é que as pessoas

são naturalmente conduzidas por ela a desejar uma encarnação de Jesus no nosso mundo atual, à maneira de Maria. Cada vez mais maristas estão compreendendo que não é suficiente falar de Jesus, mas, ao invés, precisamos viver de maneira que torne Jesus presente para e em nosso mundo atual.

Um dos desafios para o futuro será encontrar um modo de permitir que este desejo avance para o estágio seguinte, ou seja, um compromisso público e uma expressão vivida.

ESTIMULADOS PELO PRÓPRIO DEUS A TRAZERMOS A VIDA AO MUNDO, NÓS NOS TORNAMOS CORRENTES DE ÁGUA VIVA

Quando estivermos aptos a engajar cada vez mais pessoas em um diálogo e na ação, em torno da espiritualidade marista e de nosso seguimento de Marcelino, a riqueza de nossa vocação marista se tornará sempre mais clara. Isto seria suficiente para termos a nossa sede saciada por Deus e para que



nos fosse feito o dom da água viva. Mas, somos convidados e agraciados com muito mais. Tornamo-nos correntes de água viva, especialmente para os jovens, em particular para aqueles mais esquecidos e excluídos. É neste campo que se encontram os verdadeiros desafios para que uma “formação contínua em espiritualidade marista” funcione. Cheios de fé, como continuaremos a viver e a sonhar de modo novo o sonho de Marcelino para nosso tempo e lugar?

“ÁGUA DA ROCHA” SACIA A TUA

IR. SEBASTIÃO ANTONIO FERRARINI AMAZÔNIA

Água da Rocha é um texto bonito, leve, familiar, transparecendo a alma de Marcelino. Inspira louvor, ação de graças, compromisso com a solidariedade. Veio preencher uma lacuna que faltava em nossa espiritualidade e para mim desdentou-me bastante. São palavras e imagens que convidam a sermos pessoas de Deus para nos tornarmos pessoas de comunidade, profetas num mundo que nos desafia.



Água da Rocha inseriu realidades que não podem ser esquecidas hoje em dia em nossa espiritualidade e na nossa ação apostólica e política como a **Ecologia**. A espiritualidade de Marcelino, tendo como uma de suas colunas a **Simplicidade**, é capaz de propor ao mundo, dominado pelo consumismo e pelo desperdício de um lado e pela miséria de outro, um estilo de vida que contemple, em primeiro lugar, a **VIDA**. A simplicidade nos torna mais solidários, capazes de partilha.

Percebo este texto como um sopro de ar renovador para toda a grande família marista.

É oportunidade única de atualizar a mensagem de Marcelino.

É documento pleno de vida que nos propõe novas formas de viver a mensagem de Jesus.

É oportunidade de buscar novos caminhos de nos achegarmos à infância e à juventude.

É chamada de atenção sobre as nossas raízes que, por vezes, se perdem no caminho, porque nos enchemos de rotina e cansaço estéril.

É mensagem de esperança para o futuro.

Por certo seria presunçoso considerar-me perfeito e que todas as realidades do documento as tenha assumido na minha vida. Mas tenho claro

que tento viver de acordo com esta “espiritualidade marista”. Sinto-me vivamente atraído pela figura de Maria e a considero para mim um referencial. No meu colégio rezo-lhe todos os dias com os meus alunos; para o mês de Maria temos ideado uma forma simples de “dá-la a

conhecer e fazê-la amar”, como dizia Marcelino. Para mim “Água da Rocha” é caminho cheio de vida.



FELICÍSIMO PÉREZ F.
COMPOSTELA

SEDE DE ESPIRITUALIDADE?

Aprofundar minha identidade de leiga marista ajudou-me e fez-me ver a importância de transmitir o carisma, “em cada lugar e momento da história”, do jeito de Maria. Às vezes, não é fácil descobrir as “pegadas de Deus”, em todos os acontecimentos; como médica que sou,



considero-o sobremodo difícil, diante da dor e do sofrimento dos pacientes; mas é aí que nossa oração, que brota da vida, a esta nos devolve, encorajando-nos a ser instrumentos de Deus, em cada uma de nossas ações, e lutando cada dia contra as adversidades, sem desânimo, como nosso Padre Champagnat.

**MARIA GABRIELA
SANTANIELLO**
NORANDINA

Ainda que o documento *Água da Rocha* não seja a última palavra sobre a Espiritualidade marista, ele é a síntese de quase 200 anos de ação do Espírito Santo, a começar com o Padre Champagnat, em nosso Instituto. Pelo simples fato de ser chamado a ser Irmão marista, este documento constitui uma fonte importante, entre outras, à qual Deus me conduz. Sob a ação do Espírito Santo, em meu estudo e reflexão, em minha oração pessoal e comunitária, e na partilha sobre esse documento, Deus me oferece o alimento apropriado para o momento presente. Através desse documento, Deus ao mesmo tempo me renova, ou me lembra e convida a começar uma vida nova.



IR. NICHOLAS FERNANDO
South Asia



JESUS NOS QUER BEM TAL COMO SOMOS

mas sonha-nos sempre mais
parecidos com Ele

O MEU POVO PRATICOU
dois CRIMES:
ABANDONARAM A MIM,
FONTE DE ÁGUA VIVA,
E CAVARAM PARA
si POÇOS,
POÇOS RACHADOS
QUE NÃO SEGURAM
A ÁGUA.
JER 2,13

Desde que tenho o uso da razão, sempre vi os irmãozinhos de Maria com uma grande vontade de conhecer o mistério de sua vocação a serviço das crianças e dos jovens. Assim também sua vida comunitária, talvez porque, como leigos, em geral não entendemos bem a vida e a opção dos religiosos, até partilharmos e vivermos com eles.

Dou graças a Deus pelas oportunidades que pôs em meu caminho para poder partilhar a vida comunitária com eles, e descobrir muitas coisas que o Padre Champagnat sonhava com seus Irmãos, quando os fundou.

A primeira vez que me convidaram a participar de uma comunidade, no ano de 2003, no estreito do Lago Titicaca, em La Paz - Bolívia, a situação não me parecia estranha porque conhecia a dois dos Irmãos e isso me dava confiança para meter-me nessa aventura. A experiência nos permitiu crescer na confiança em Deus, devido à dificuldade em que se encontrava o país, além do desafio da cultura aymara. Estávamos querendo ser fiéis à missão que nos confiara o Padre Champagnat: *"Tornar Jesus Cristo conhecido e amado"*.



Uma segunda oportunidade ocorreu nos anos 2007 e 2008, na comunidade de Grajales, em Santiago do Chile. Minha integração na comunidade passou por um primeiro momento de adaptação, em que os temores e questionamentos iam e vinham, tanto por parte minha como por parte da comunidade, até chegar a uma complementaridade e um sentido de pertença à comunidade.

Foram duas experiências que marcaram profundamente minha vida cristã e de

leiga marista. Sinto que foi um enriquecimento mútuo, com partilha de vida e missão, entre leigos e irmãos, em comunidade.

Por isso, creio que “comunidade” é uma palavra que contém um grande mistério e, ao mesmo tempo, um grande desafio. Mistério porque é um espaço de intercâmbio e de crescimento na diversidade (idades, culturas, etc.) e desafio porque “nos aceitamos como somos...”, tarefa um tanto complicada, nem sempre fácil no início, mas que convida à fraternidade e a sentir-nos em família.

Sente-se que cada um é um enriquecimento para o outro, complementando-o e enriquecendo a vida comunitária. Descubro em meu irmão o rosto de Deus, deixando que as experiências cotidianas sejam lugares privilegiados de encontro com Deus.

Além de transformar em vida o que se conhece ou escuta do carisma do Padre Champagnat, essas experiências fizeram com que assumisse com mais força minha vocação de educadora marista e minha grande paixão pelo serviço de crianças e jovens.

A vida comunitária, em seus altos e baixos, manifesta a necessidade que temos uns dos outros. *“Nosso anseio mais profundo é o de amar e ser amados. Desejamos participar da vida, ser solidários e ter a oportunidade de compartilhar nossa vida e mudar nossas circunstâncias. Constituímos família,... Cada família, grupo ou comunidade é marcada, de modo especial, por aquilo que une seus membros...”* (Água da Rocha, 93).

A riqueza que toda comunidade encerra e manifesta na acolhida, na fraternidade, vida e trabalho... e tudo em torno da mesa, a mesa de La Valla, é hoje um grande exemplo de família e de serviço para a comunidade que Marcelino sonhou.



A mesa de La Valla encarna os esforços para viver uma vida simples e identificada por um selo característico, a espírito de família.

Como dizia, acima, viver em comunidade não é sempre fácil, porque exige viver em contínuo processo de reconciliação, em que cada um se faz pão para o outro. Constitui uma riqueza o que nossos Irmãos mais idosos nos entregam com seus costumes e sua formação, bem como a inquietude dos jovens por produzir coisas novas. Tudo demonstra, especialmente a mim, que Marcelino sonhou as comunidades como espaço particular para crescer juntos, sentindo-nos família, partilhando e celebrando nossa fé.

Assim gostaria de um dia poder dizer a Jesus quanto o amo, com a mesma paixão de um Irmão de 85 anos, depois de lhe ter oferecido seu trabalho e toda sua vida.

Sinto-me privilegiada e cheia de alegria em poder partilhar o carisma de nosso querido Padre Champagnat. Por isso, ressoam em mim, duas pequenas frases que o Ir. Seán disse em sua visita à Província: *Ao terminar o noviciado marista, um irmão deveria estar enamorado de Jesus e de seu Evangelho. Ser um vivo retrato de Marcelino Champagnat.*

Hoje, atrevo-me a dizer que isso vale para todos os leigos que partilham e vivem a mesma missão marista, no mundo: ser Champagnat hoje.

VENHAM,
EXULTEMOS EM JAVÉ,
ACLAMEMOS
O ROCHEDO
QUE NOS SALVA.
SAL 95,1



“ÁGUA DA ROCHA” FONTE DE INTERPELAÇÃO

EZEQUIAS FORTIFICOU
A SUA CIDADE
E CONDUZIU ÁGUA
PARA DENTRO DELA.
CAVOU COM FERRO
UM CANAL NA ROCHA
E CONSTRUIU
RESERVATÓRIOS
DE ÁGUA.
SR 48,17

Inicialmente, gostaria de lembrar que recebi o livro « Água da Rocha » por ocasião de seu lançamento, na Província marista do Canadá, junto com meus filhos Anne, Catherine, Gabriel e com meu marido Claude. Cada membro da minha família teve o privilégio de receber um exemplar de « Água da Rocha ». Meus filhos ficaram muito felizes.

Com a leitura desse livro, reconheci logo os valores fundamentais que movem os maristas que conheço e reencontrei o que muito aprecio no mundo marista: uma espiritualidade muito humana e maravilhosamente simples.

Esse livro me recorda o essencial da espiritualidade marista, suas características e traços fundamentais a orientar os irmãos e leigos maristas que desejam atualizar a missão marista, inspirando-se no carisma da Marcelino Champagnat.





O conteúdo desse livro me ajuda a captar melhor a essência mesma da espiritualidade marista e os valores que somos convidados a viver em nosso cotidiano. “Água da Rocha” interpela-me em diversos aspectos de minha vida: minha vida de oração, minha vida de família, minha vida no seio das duas famílias maristas às quais pertencço, minha implicação numa obra marista para crianças, etc. Aprecio cada capítulo e cada passagem do texto, porque convidam a rezar, a refletir e a partilhar sobre temas fundamentais que unem os irmãos e leigos maristas. Tive ocasião de partilhar sobre diferentes passagens do texto e, cada vez, esses espaços de partilha levaram a dialogar sobre nossas convicções profundas e sobre a atualização dessas convicções em nosso cotidiano. Esta é, aliás, uma das grandes riquezas desse livro, favorecer a partilha sobre os valores fundamentais.

Várias passagens também me interpelam, no nível dos desafios que a espiritualidade marista lança, tais como: estar atento às necessidades dos mais pobres de nosso tempo, cultivar uma atitude de comunhão e de unidade com os outros, esquecer-se (dom de si) em favor dos mais necessitados da sociedade, etc.

AS FERAS
ME GLORIFICARÃO,
COMO OS LOBOS
E AVESTRUZES, PORQUE EU
OFERECEREI ÁGUA
NO DESERTO E RIOS
NA TERRA SECA
PARA MATAR A SEDE
DO MEU POVO,
DO MEU ESCOLHIDO.
Is 43,20

Gosto do formato e da apresentação do documento, fazendo dele um guia prático de referência, fácil de usar (“friendly user”) e muito acessível. As ilustrações e as fotos escolhidas também convidam a um momento de interiorização e, tomadas individualmente, são para mim “imagens para rezar”.

Em síntese, como podem deduzir, é um livro que me interpela. O último capítulo, intitulado “Sonhamos novos sonhos”, desvenda o futuro, nossos sonhos e visões, e demonstra bem o dinamismo da Comunidade marista para permanecer viva, respondendo do melhor modo possível às necessidades de seu tempo, e para evoluir em função das novas realidades.





A IMAGEM DE DEUS EM “ÁGUA DA ROCHA”

SEU CORAÇÃO
É DURO
COMO ROCHA
E SÓLIDO
COMO PEDRA
DE MOINHO.
Jó 41, 16

Na santa missa de Quarta-Feira de Cinzas a que assisti esta manhã, fiquei impressionado com uma frase do Antigo Testamento que define a Deus:

Retorna ao Senhor teu Deus, porque ele é todo ternura e compaixão (Joel 2, 13).

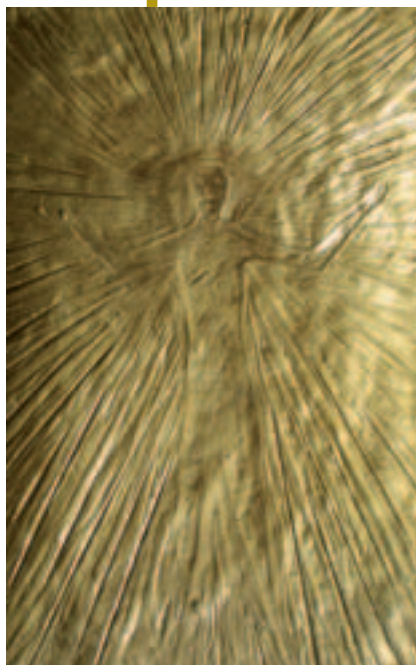
Nestes dias estive relendo *Água da Rocha*, onde a noção de compaixão ocorre reiteradamente, não apenas nossa humana compaixão por aqueles que carecem de assistência, em face do sofrimento e da necessidade, mas



especialmente a compaixão de Deus por nós. *“Deus tanto amou o mundo que lhe deu o seu Filho único, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3, 16).*

A Espiritualidade Marista, como todas as espiritualidades cristãs, baseia-se no grande amor de Deus por nós, um Deus que nos amou primeiro, um amor fiel, amor incondicional, amor que nunca termina: *“Dai graças a Javé, porque ele é bom, porque o seu amor fiel dura para sempre”* (idéia muito repetida no Antigo Testamento).

Marcelino Champagnat tinha profundo senso desse grande amor nele derramado, sentimento que o tornava consciente da presença de Deus em toda a parte e em todo o tempo. Esta consciência da presença amorosa de Deus na vida dele fez com que ficasse profundamente comovido pelo evento Montagne, em que percebeu que havia jovens sem nenhuma idéia de Deus,



menos ainda da sua divina presença e amor nas suas almas. Dito evento provou ser decisivo na vida de Marcelino. Em menos de três meses ele já havia começado uma nova comunidade, que se tornaria o núcleo dos Irmãos Maristas. O zelo de Marcelino e a compaixão pelas pessoas eram, em definitivo, fundados na constatação do grande amor que Deus tem para com todos: *Não posso ver uma criança sem desejar dizer-lhe quanto Deus a ama.*

Na minha leitura de *Água da Rocha*, é no capítulo segundo que mais vejo revelada a intensidade do amor de Deus por nós. Não importa onde estamos ou o que fazemos ou em que circunstâncias agimos, estamos sempre na presença amorosa de Deus. O citado capítulo recorda-nos que Deus está sempre conosco, em toda e qualquer fase da vida, a despeito da turbulência da nossa vida diária, a despeito das voltas e mudanças que a vida toma, sejam quais forem as nossas atitudes e sentimentos. Criados que somos à imagem de Deus, homens e mulheres tornamo-nos uma encarnação de Deus no nosso próprio viver.

**OLHE! JAVÉ SEU DEUS
VAI INTRODUIR VOCÊ
NUMA TERRA BOA:
TERRA CHEIA DE RIBEIRÕES
DE ÁGUA E DE FONTES
PROFUNDAS QUE JORRAM
NO VALE E NA MONTANHA.
Dt 8,7**

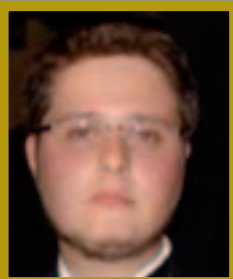
Para o nosso Fundador, Deus pode ser encontrado tanto na tranquilidade de l'Hermitage quanto nas barulhentas ruas de Paris. Nenhuma situação é estranha para Deus. Até naquelas ocasiões em que não respondemos ao apelo de Deus para amá-lo e ao nosso próximo, com todo o nosso coração, alma, mente e forças, Deus nos oferece o seu amor e a graça do arrependimento, dando-nos o vigor de continuar a nossa jornada.

A convicção da presença de Deus, em todo e qualquer tempo, decidia Marcelino a levar seus negócios e planos ao Senhor na oração: nunca empreendia algum projeto importante sem ter rezado por longo tempo; não hesitava em consultar a Deus nas conjunturas críticas. Assim, não surpreende que Marcelino, ao aproximar-se o

fim da sua vida, instasse os Irmãos a recordar a presença de Deus e a amar-se mutuamente, porque Deus está presente em cada membro da comunidade. O nosso amor fraterno em comunidade constitui um meio para abrir-nos à presença de Deus e ao seu amor para com os outros.



COMO “ÁGUA DA ROCHA” REVITALIZA



Diariamente, abro o documento Água da Rocha e escolho um tópico ao acaso para leitura e meditação. São palavras capazes de me instigar, apascentar e revigorar. De certo modo,

o cultivo da espiritualidade implica nesse dinamismo, num movimento de sensações e percepções que ora tranqüiliza, ora instiga. Água da Rocha, de modo muito sensível, não me deixa esquecer que nossa espiritualidade marista é apostólica, exige protagonismo, atenção aos problemas reais de crianças e jovens

do nosso tempo. Diante de tal responsabilidade, busco não perder a paz, mas manter o coração aberto ao sopro do Espírito, discernindo e permitindo que Deus assuma a liderança em minha vida, sabendo que *“se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os operários”*.

ALEXANDER GOULART
RIO GRANDE DO SUL

AGNES S. REYES
EAST ASIA



Uma reflexão orante sobre « Água da rocha » oferece-me a experiência de um contato permanente com a riqueza da espiritualidade marista. Podemos aprofundar nossa identidade com Maria e Marcelino, e fazer a experiência de aproximar-nos de Jesus que sempre nos ama mais,

em nossa vida cotidiana. Companheiro, em minha viagem espiritual, este documento fortalece o desejo de querer conhecer mais, e dá vontade de partilhar os tesouros da tradição marista. Ele me alimenta e inspira a trabalhar diligentemente com meus irmãos para animar as atividades que ocuparão nossa reflexão constante, aqui nas Filipinas.

A SUA VIDA ESPIRITUAL?



O documento *Água da Rocha* é para mim uma afirmação da espiritualidade que aprendi, vivi e experienciei em minha vida de Irmão Marista. Além dos apelos que me faz, ele confere aos Irmãos e Leigos maristas uma “linguagem comum”, a ser usada na formação espiritual permanente. Porquanto fundamentado na

herança espiritual que recebemos do Padre Champagnat e dos primeiros Irmãos, *Água da Rocha* transmite uma espiritualidade viva que reflete as alegrias e os desafios ante o mundo, a Igreja e nossa missão marista, hoje.

IR. HANK HAMMER
UNITED STATES OF AMERICA



Descobrir o amor de Deus por mim, reconhecer

que meu pecado me torna incapaz de experimentar esse amor, e que somente em Jesus Cristo sou perdoado e santificado, tudo isso leva-me a centrar a vida Nele, a torná-lo conhecido e amado. A oração pessoal, baseada na leitura meditada do texto “Água da Rocha”, ajudou-me a viver uma espiritualidade de “discípulo de Emaús”, que tenta realizar, em cada encontro com as pessoas, uma experiência de Jesus, que nos acompanha e revela seu mistério de amor e que, finalmente, nos inflama o coração, lançando-nos à missão. Sei que estou a caminho e que minha vida espiritual continua a alimentar-se e a crescer. A meta é evidente: pertencer ao Senhor Jesus, por quem deixei o que era valioso para mim. Maria, minha mãe e companheira nesta viagem, me anima e protege. Marcelino, o homem apaixonado por Deus, é meu modelo de compaixão pelos outros. Espero ‘contagiar’ os jovens com minha vida e ação, para que sejam atraídos por Jesus, o Senhor.

IR. LUIS DÁVALOS
MÉXICO OCCIDENTAL



Água da Rocha continua despertando em mim a inquietude para viver o mesmo projeto de vida que Marcelino Champagnat sonhou. É uma realidade profunda saber que a vivência como maristas – irmãos e irmãs – nos faz sentir chamados a comprometer-nos,

a partir da Palavra, na missão que nos cabe viver. Esta missão a vivemos a partir do sonho de Marcelino, na vocação de consagrados ou leigos. Sinto-me inquieto e desafiado a continuar a fazer disso vida, pedindo que o Espírito Santo continue presente; com nossa Boa Mãe nada nos poderá faltar.

IR. LUIS FERNANDO VEGA
DISTRITO DE PARAGUAY



Simplicidade À luz de “Água da Rocha”

QUANDO
TIVERAM SEDE,
ELES TE INVOCARAM,
E UMA ROCHA
ESCARPADA
LHESS DEU ÁGUA,
UMA PEDRA DURA
LHESS MATOU
A SEDE.
Sb 11,4

Uma leitura renovada do documento “Água da Rocha” nos coloca em contato com um dos elementos essenciais da nossa espiritualidade, chamado *simplicidade*. No coração da espiritualidade marista está a humildade. Ela se expressa em simplicidade de procedimento, mais especialmente no nosso modo de nos relacionarmos com Deus e com os outros (AdR, 33). A simplicidade constitui legado e preciosa pérola do Fundador, transmitida a nós por mediação dos seus discípulos.

Este artigo, inspirado no capítulo primeiro de “Água da Rocha”, reflete sobre a virtude da simplicidade que caracterizou e modelou os discípulos de Marcelino. As nossas reflexões reconstroem alguns elementos sociais e teológicos básicos que tornaram a simplicidade um componente chave de toda a espiritualidade e da espiritualidade marista em particular.



Ainda que a sociedade contemporânea ponha grande ênfase na segurança e tenha os recursos materiais, psicológicos e até espirituais para alcançar os seus objetivos (Wicks, 2000), as pessoas tornam-se mais conscientes da necessidade da simplicidade interior. Foi o que os monges antigos do deserto, conhecidos como *abbas* e *amas*, chamavam “pureza de coração”. A simplicidade nos faz livres tanto para usufruir como para desprender-nos dos bens da vida, visto que há valores mais importantes. Confiamos em que Deus vai prover-nos daquilo de que necessitamos em cada etapa sucessiva da vida, até mesmo depois de mortos (Wicks, 2000). Uma atitude de simplicidade também permite que recebamos e melhor apreciemos a vida do que faríamos, se despendêssemos o tempo em focalizar apenas o nosso interesse. A simplicidade transforma-nos de inquietos, preocupados e exigentes em pessoas agradecidas e acolhedoras. Em verdade, é maravilhosa graça que cumpre abraçar.

Há exemplos de pessoas importantes e de santos que foram simples, como Madre Teresa, São Vicente de Paulo, Abbé Pierre e São Marcelino Champagnat. Eles sempre falavam como pensavam. Para uma pessoa simples a vida exterior coincide com a vida interior. Complicamo-nos a nós próprios quando desunimos a nossa personalidade. Interiormente somos algo, mas exteriormente somos diferentes, porque equivocadamente imaginamos que os padrões de procedimento devem ser diferentes em circunstâncias diferentes. Além disso, não somos compreendidos, porque não somos simples e francos no nosso modo de comunicar-nos com o próximo.

A simplicidade pode ser aplicada em todas as esferas da vida: alimento, modo de vestir, comportamento e interações. Contudo isso não se confunde com timidez, ingenuidade, ignorância, irresponsabilidade ou em sermos frios, infantis e



retraídos (Langar, 2009). Não se trata de fechar-se numa medida estreita. Pelo contrário, é ter clara consciência, estar livre de ambiguidades e conduzir-se com equilíbrio. A simplicidade, ademais, é pré-requisito do progresso espiritual.

ESSE VAI MORAR
NAS ALTURAS:
FORTALEZA
SOBRE A ROCHA
SERÁ
O SEU REFÚGIO,
COM ABUNDÂNCIA
DE PÃO
E RESERVA DE ÁGUA.
Is 33, 15-16

No coração da espiritualidade marista está a humildade, expressa na simplicidade (AdR, 33). A humildade se revela no modo de falar às pessoas, valendo-se de uma linguagem que todo o mundo compreende. A simplicidade é atitude mental que compreende muitas outras qualidades. Ela implica honestidade, coerência, verdade e modéstia, o que contribui para a transparência, espontaneidade e autenticidade (Stockman, 2008). São Vicente de Paulo profeticamente declarou que “a simplicidade é considerar que é Deus que nos atrai a si, que nos guia.

Deus é o mais simples, ou melhor, ele é a própria simplicidade. Portanto é sempre na simplicidade que você encontra a Deus; aquele que leva vida simples caminha na certeza” (Stockman, 2008). Segundo São Vicente de Paulo, a simplicidade consiste em dizer a verdade, em dizer as coisas como são, sem silenciá-las nem dissimulá-las.

As características maristas de humildade, simplicidade e modéstia, e especialmente o espírito de



família, são centrais na vida, missão e formação marista. Estas características sempre impactaram a nossa missão e vida apostólica. Em verdade, a maioria dos Irmãos identifica a simplicidade como o que mais os atraiu à vida marista, o que igualmente tem ocorrido com pessoas leigas e outros associados ao nosso trabalho. Além disso, a simplicidade na vida marista criou atmosfera de respeito, atenção, espírito de família e diálogo. Eis por que as escolas maristas têm sido lugares de crescimento, escolhidos por muitos, onde jovens de todos os estratos sociais, econômicos e culturais podem compartilhar a fraternidade, ideias, conhecimento e experiências de vida.

Podemos concluir dizendo que, como pessoas maristas, fomos abençoados por uma espiritualidade descomplicada e de perfil encarnado (AdR, 34), que abrange estilo de vida simples, comunhão com Deus, com o próximo e com a natureza. Esta virtude representou um papel central na história do nosso Instituto. Como "filhos de Champagnat", tratemos com carinho este valor da simplicidade, em vista do progresso espiritual dos Irmãos e Leigos Maristas, para atrair ao Instituto mais vocações maristas santas e simples. Possa o Espírito Santo auxiliar-nos em perpetuar esse tesouro para as futuras gerações de discípulos de Marcelino, tanto Irmãos quanto leigos.

Ir. RICHARD
RAJAONARISON TIANA
Madagascar

A DIMENSÃO POLÍTICA DA ESPIRITUALIDADE DE MARCELINO



Fiquei admirado e surpreendido, durante o estudo de *ÁGUA DA ROCHA*, quando ouvi falar sobre a “dimensão política da espiritualidade de Marcelino”. Assistíamos então à explicação do 4º capítulo do livro *ÁGUA DA ROCHA*. Fala da proclamação da Boa-nova aos pobres. Eu tinha prestado atenção à explicação dos três outros capítulos. Neles encontrei coisas novas e interessantes. Mas esta “dimensão política da espiritualidade de Marcelino” deixou-me intrigado. Levantou a minha curiosidade. Queria saber o que isso significava.

Não ouço coisas assim todos os dias. Foi a natureza da obra apostólica que a Província me confiou no planalto de Horombe, Madagascar, que despertou a minha curiosidade. Normalmente, temos medo do adjetivo “político”. Ouvi mesmo, algumas vezes, que os religiosos e os padres não devem fazer política. Finalmente compreendi que não apenas a devem fazer, mas se não a fazem, não estão a ser fiéis ao mandato evangélico que lhes foi confiado. Contudo, para que isso seja correto, temos que definir a política no

JAVÉ SERÁ SEMPRE
O SEU GUÍA
E LHE DARÁ FARTURA
ATÉ MESMO
EM TERRA DESERTA;
ELE FORTIFICARÁ SEUS OSSOS
E VOCÊ SERÁ COMO
JARDIM IRRIGADO,
QUAL MINA BORBULHANTE,
ONDE NUNCA FALTA ÁGUA.

Is 55,11



**Ir. RICHARD
RAJAONARISON TIANAE**
*A dimensão política
da espiritualidade
de Marcelino*

QUANDO TINHAM FOME,
TU LHES DESTE
O PÃO DO CÉU.
QUANDO TINHAM SEDE,
FIZESTE BROTAR
ÁGUA DO ROCHEDO.
TU OS MANDASTE TOMAR
POSSE DA TERRA,
QUE TINHAS JURADO
DAR A ELES.
NE 9,15

sentido mais geral do termo e ter em conta os diferentes níveis da atividade política.

Na verdade, existe apenas um nível proibido aos religiosos / religiosas e aos sacerdotes pelo direito canônico: é a política partidária. Esta proibição é perfeitamente aceitável, em virtude da natureza da política partidária: é uma política que divide, enquanto a essência do religioso e do sacerdote, dentro da Igreja e da sociedade, é a de serem criadores de comunhão.

Mas para além da política partidária, a que acabamos de nos referir, todos os outros níveis (votar, educação cívica e política dos nossos alunos, a proteção dos direitos humanos e das crianças, a promoção da justiça e da paz...) são necessários e é mesmo desejável que os sacerdotes e os religiosos/as participem nela, ativamente.

De um modo geral, “a política é tudo o que nós fazemos para o bem da Cidade”. Foi a partir desta definição que comecei a compreender que existe uma dimensão política na espiritualidade de Marcelino. Como, aliás, de um modo mais geral, há uma dimensão política na fé cristã e em todo o trabalho apostólico dentro da Igreja: desde que



¹ Os círculos ou níveis que tradicionalmente podemos deduzir de Is 61, 1-2, Lc 4, 18 são:
 Nível/círculo SOCIAL:
 O Espírito do Senhor ungiu-me para anunciar a Boa Nova aos pobres;
 Nível/círculo POLÍTICO:
 O Espírito do Senhor ungiu-me para proclamar a libertação aos cativos;
 Nível/círculo FÍSICO:
 O Espírito do Senhor ungiu-me para proclamar aos cegos a recuperação da vista;
 Nível/círculo PSICOLÓGICO:
 O Espírito do Senhor ungiu-me para consolar os que choram;
 Nível/círculo RELIGIOSO:
 O Espírito do Senhor ungiu-me para proclamar um ano favorável da parte do Senhor.



tudo o que fazemos seja para o bem da cidade. E quem duvidaria de que o trabalho apostólico da Igreja e das Congregações religiosas serve, em altíssimo grau, “para o bem da cidade” e para a promoção e defesa da pessoa humana?

Na realidade, o nosso novo livro sobre a espiritualidade marista, sem falar diretamente de “dimensão política” da nossa espiritualidade, refere-se a isso várias vezes. Seja, por exemplo, quando nos convida a olhar o sofrimento do mundo, com “a espiritualidade da compaixão e da missão” (AdR, 126) ou quando nos convida a estar atentos aos apelos do nosso tempo, defendendo a mesma dignidade para todos: os direitos humanos, a justiça, a paz, a partilha equitativa das riquezas do planeta (cf AdR, 128). O número 129 é ainda mais claro: “A nossa resposta apaixonada às necessidades do mundo deriva de nossa espiritualidade.” Estamos, então, em presença de uma espiritualidade que mergulha no político, no seu sentido mais amplo. Não é, por acaso, melhorar o

mundo, quando tentamos responder às suas necessidades com uma espiritualidade de compaixão e de missão?

Mas poderíamos chegar a esta conclusão por outro caminho: o texto bíblico que introduz este capítulo. A Comissão escolheu o melhor texto possível para encabeçar este capítulo sobre o apostolado. E é a melhor escolha possível, porque foi a escolha que o próprio Cristo fez ao começar a sua vida apostólica. Podemos estabelecer neste texto o que chamamos os “círculos concêntricos da missão.” E “*proclamar libertação aos cativos*” é certamente um “círculo político¹.” Com essa dimensão política da nossa espiritualidade sinto-me duplamente estimulado a continuar o meu trabalho, nos planaltos do Horombe. Trata-se de libertar os cativos da ignorância e anunciar a força libertadora da educação. Trata-se de um anúncio “político”, através das 17 escolas que já fundamos. E há ainda outras por fundar.



SINAIS VIVOS da TERNURA do Pai

ELA MORA NOS ROCHEDOS,
E AÍ PERNOITA
NUMA FORTALEZA
DE ROCHA INATINGÍVEL.
Jó 39,28

O título acima provém do nº137 de “Água da Rocha”. Escolhi este título porque me fala ao coração e inspira minha ação. Antes de tudo, desejo agradecer o excelente trabalho da equipe que organizou o encontro sobre a Espiritualidade marista, em Nairóbi, para irmãos e leigos. Meu ‘obrigado’ aos Irmãos Teófilo, Mario, Pau e Christian por terem organizado essa sessão tão rica e por nos terem ajudado com sua experiência.

O meu primeiro contato com “Água da Rocha” foi com os Irmãos do Distrito marista da África Ocidental, no retiro anual de 2008, em Kumasi.



Abri os olhos para a riqueza desse texto. Depois o aprofundei no encontro de estudos, em Nairóbi. O modo de apresentar o texto inflamou meu coração e, creio, o coração dos 18 participantes. Senti-me como os discípulos, no caminho de Emaús (Lc 24, 32). Rendemo-nos à força e ao poder da espiritualidade marista. No fim da apresentação, não podíamos deixar de amar esse texto e de apreciá-lo como um tesouro.

“Água da Rocha” é um dom de Deus para o Instituto. É a maior herança que recebemos como Irmãos maristas. Demos graças a Marcelino Champagnat e aos primeiros Irmãos que nos transmitiram esse tesouro. O documento enriquece nossa oração, suscita a reflexão e inspira nossa ação (“Água da Rocha”, p. 19).

Depois que esse texto nos foi apresentado em Nairóbi, ele constitui meu livro de oração pessoal. Faz-me refletir sobre muitas questões que ele suscita. “Água da Rocha” é um documento prático, um documento que convida à ação. Sempre que o abordo, sinto a presença de Marcelino Champagnat, começo a rezar e sinto-me convidado a pôr em prática o que leio.

Sinto como um desafio e, ao mesmo tempo, encorajam-me certos parágrafos desse livro. O nº6 diz que o “modo de os primeiros irmãos viverem o Evangelho reflete o caráter, os valores e a espiritualidade de Marcelino Champagnat”. Esse número desperta em mim várias perguntas: Será que minha vida reflete o nome de “Pequenos Irmãos de Maria”? Que tipo de Evangelho anuncio através de minha vida? Minha presença é Boa-nova para as pessoas ao meu redor?



Esse parágrafo me desafia a refletir sobre minha vida e convida-me a ser Champagnat em meu tempo.

Quando reflito sobre o nº104, sinto-me pessoalmente convidado a não apenas reunir, abençoar, romper e partilhar, mas a me tornar também um “altar vivo, onde o amor gratuito do Cristo está presente, como inspiração e fonte de vida espiritual, para todos os que encontro” (Papa Bento XVI, 2008). E mais, impressiona-me o convite do nº137 que, apesar de meus limites, me convoca a ser “memória visível e permanente da amorosa e misericordiosa presença de Deus, em meio a seu povo: sinais vivos da ternura do Pai”. Isso é desafiante e encorajador. O documento “Água da Rocha” fala constantemente da presença

amorosa de Deus, apesar de nosso nada. Por isso, eu digo que a ‘água da rocha’ desse livro é um tesouro que todo cristão deve procurar. É de verdade, água viva.

QUEM BEBE DESTA ÁGUA
VAI TER SEDE DE NOVO. MAS
AQUELE QUE BEBER
A ÁGUA QUE EU VOU DAR, ESSE
NUNCA MAIS
TERÁ SEDE.
E A ÁGUA QUE
EU LHE DAREI,
VAI SE TORNAR DENTRO
DELE UMA FONTE
DE ÁGUA QUE JORRA
PARA A VIDA ETERNA.
Jo 4, 5-14

Álbum do ANO de Espiritualidade



1. Asunción – Paraguai; 2. Canadá; 3. Roma – Itália; 4. Dadiangas – Filipinas; 5. Bangkok – Tailândia; 6. Atenas – Grécia; 7. Jérémie – Haiti; 8. Los Teques - Venezuela; 9. Índia; 10. Cruz del Sur – Argentina



11.



12.



13.



14.



15.



16.



17.



18.



19.



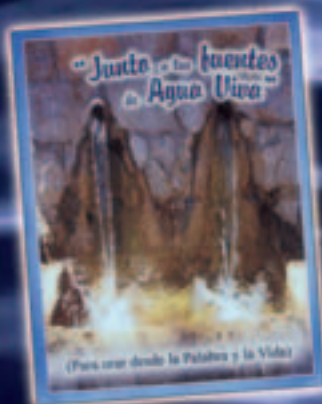
20.



21.



11. Kidapawan – Filipinas; 12. Loja – Equador; 13. Medellín – Colômbia; 14. Nyungwe – Malávi; 15. Madagáscar; 16. Norandina; 17. Roma – Itália; 18. Giuliano – Itália; 19. Marcellin Nivasa - Sri Lanka; 20. Nairobi – Quênia; 21. Valladolid – Espanha.





A TERRA SECA
SE TRANSFORMARÁ EM BREJO,
E A TERRA ÁRIDA
EM MANANCIAIS DE ÁGUA.
ONDE REPOUSAVAM
OS CHACAIS SURGIRÁ
UM CAMPO DE JUNCOS
E DE PAPIROS.

Is 35,7

NÃO TENHAM MEDO, NÃO TREMAM:
POR ACASO DESDE AQUELES TEMPOS
EU JÁ NÃO PREDISSE E ANUNCIEI?
VOCÊS SÃO AS MINHAS TESTEMUNHAS:
EXISTE OUTRO DEUS ALÉM DE MIM?
QUE EU SAIBA,
NÃO EXISTE NENHUMA
OUTRA ROCHA.

Is 44,8

